

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS III - JUAZEIRO**  
**COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO EM MULTIMEIOS**

JAYANNE RODRIGUES SOUSA

**AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS DO COCOCI-CE**

Juazeiro-BA  
Dezembro/2021

JAYANNE RODRIGUES SOUSA

## **AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS DO COCOCI-CE**

Memorial analítico descritivo, apresentado como requisito parcial de avaliação para obtenção de grau em bacharel em Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Teresa Leonel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

S725h Sousa, Jayanne Rodrigues

As histórias não contadas do Cococi-CE / Jayanne Rodrigues Souza.  
Juazeiro-BA, 2021.  
98 fls.: il.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Teresa Leonel Costa.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios) –  
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.  
Campus III. 2021.

1. Memorial – Podcast narrativo. 2. Memorial – Subjetividade jornalística.  
3. Memórias – Cidade fantasma. 4. Ceará – Cococi-CE. I. Costa, Teresa Leonel.  
II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.  
III. Título.

CDD: 153.12

## ATA DE APRECIÇÃO DE PARECER DE TCC

Aos 14 dias do mês de dezembro ano de 2021, reuniram-se de forma remota pela plataforma Microsoft Teams do Departamento de Ciências Humanas, campus III, da Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro/BA, a Banca Examinadora composta pelo orientador (a) **Teresa Leonel de O Costa**, avaliador (a) **Sheila Borges de Oliveira** e avaliador (a) **Raissa Ebrahim dos Santos**, para julgar o trabalho conclusão de curso intitulado AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS DE COCOCI-CE, de autoria da discente **JAYANNE RODRIGUES SOUSA**. Após a apresentação e arguições, a Banca deliberou, segundo os critérios estabelecidos no regulamento do TCC e que foram devidamente observados por cada membro da Banca, concluindo pela:

A – aprovação integral ( X );

B – aprovação com mínimas correções ( ); C –

aprovação condicionada a reparos ( ); D - não

aprovação ( ),

com a nota final **10,0 (dez)**. Para constar foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

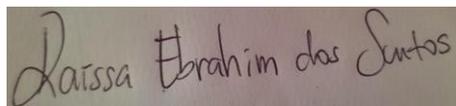
Orientador (a)



Avaliador (a)



Avaliador (a)



Juazeiro, 14 de dezembro de 2021

## AGRADECIMENTOS

Cresci escutando ditados populares que confirmavam a presença de algo maior. As mulheres referências da minha vida apresentaram essa força divina no dia a dia. Então, nada sou sem a ternura de Deus e dos anjos de luz que me protegem até aqui. Dedico, primeiramente, aos meus avós, Martins e Marica, sem vocês jamais teria aguçado a vontade de contar histórias. De onde quer que estejam, sei que estão vibrando.

À minha querida mãe, Maria Janaina Rodrigues, que tornou esse sonho possível, mesmo com todas as adversidades que enfrentamos ao longo desses anos. Foi graças ao esforço dela que consegui ingressar em uma universidade pública, encarar meus medos e lutar pelo que era oferecido como impossível. Essa conquista é nossa!

Agradeço à minha família, tios, tias, e meu avô materno por sempre acreditar no meu potencial e celebrar cada pequena vitória. Abraço e agradeço os professores que pude ter trocas incríveis durante a faculdade, e também todas as pessoas que sequer conheço que me ajudaram em projetos e campanhas feitas para viajar para congressos.

Não posso esquecer da rede de apoio construída nos corredores da Uneb: Fernanda, Lucas, Nathália, Manu e Priscilla. Todos foram minhas companhias diárias, nos apoiamos, nos desentendemos, mas nunca deixamos de torcer pelo outro. Esse laço foi responsável por me manter sã em dias difíceis. Obrigada pela acolhida.

Chegando a reta final do curso também tive uma boa surpresa: aproximar-me de Pedro. Juntos, colocamos no mundo projetos jornalísticos, e dividimos nossas inseguranças. Certamente não teria conseguido lidar com o turbilhão de emoções sem o apoio dele. Essa parceria que surgiu no contexto pandêmico está só começando, que alegria esse encontro.

Agradeço também à minha orientadora, Teresa Leonel, que me acompanha desde o terceiro semestre e apostou nas minhas ideias. Sempre com sugestões fora da caixinha e me estimulando a criar coisas novas no jornalismo. Obrigada pela paciência, por partilhar todo conhecimento e pela contribuição na construção desse trabalho.

Por fim, minha gratidão às pessoas que separaram um tempo pra conversar e me receberam com tanta generosidade para dividir comigo um pouco da sua história: Rejane, Socorro, Jane, Nilda, Francimaria, Antônio, Nestor, Paulo César e Seu Luís Quililiu. Escutar vocês foi um baita aprendizado.

“Para adiar o fim do mundo é preciso continuar contando histórias.”

Ailton Krenak

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é documentar novas histórias do Cococi, povoação abandonada localizada no sertão do Ceará. Para tanto, é adotada a subjetividade como prática jornalística para guiar o encontro entre jornalista e fonte, de forma generosa e sensível, levando em conta que essa relação requer uma abertura honesta. O formato em áudio foi utilizado como suporte ideal para estabelecer experiências sensoriais e ouvir as narrativas pessoais, por meio de uma escuta atenta. Em três episódios, o podcast “As Histórias não Contadas do Cococi” surge da tentativa de construir novas abordagens que dêem conta da complexidade humana, possibilitando enxergar diferentes visões de mundo, sentimentos e valores.

**Palavras-chave:** podcast narrativo; memória; subjetividade jornalística; Cococi; Ceará.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>                                 | <b>07</b> |
| <b>2. APROXIMAÇÃO COM O TEMA.....</b>                       | <b>10</b> |
| <b>3. PODCAST NARRATIVO .....</b>                           | <b>12</b> |
| <b>4. APROXIMAÇÃO COM O JORNALISMO SUBJETIVO.....</b>       | <b>16</b> |
| <b>5. O ESPAÇO DA MEMÓRIA .....</b>                         | <b>20</b> |
| <b>6. METODOLOGIAS DE TRABALHO – FASES DA PRODUÇÃO.....</b> | <b>21</b> |
| 6.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....                                       | 21        |
| 6.2 SELEÇÃO DOS PERSONAGENS.....                            | 22        |
| 6.3 PRODUÇÃO.....   | 23        |
| 6.4 PODCASTING.....   | 24        |
| 6.5 GRAVAÇÃO.....   | 25        |
| 6.6 PÓS-PRODUÇÃO.....                                       | 26        |
| <b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                        | <b>29</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                    | <b>30</b> |
| <b>APÊNDICES.....</b>                                       | <b>34</b> |

## 1. APRESENTAÇÃO

Na década de 1970, o sertão do Ceará foi palco de um acontecimento histórico. Cococi, distrito do Parambu, localizado no sudoeste do estado, a cerca de 450 quilômetros de distância da capital, Fortaleza, sofreu um processo de esvaziamento populacional nunca visto antes pelas comunidades circunvizinhas. Dos quase 4000 moradores que viveram por lá entre 1958 e 1969 - segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -, hoje restam apenas quatro pessoas e somente uma que acompanhou a desapropriação contínua no Cococi.

Permito-me escrever em primeira pessoa, pois também estou falando sobre parte da minha história. Minha ligação com o Cococi é antiga, sempre escutei histórias do meu avô paterno sobre o passado da cidade, antes conhecida pelas grandes festas e pela praça movimentada que reunia pessoas das comunidades próximas. Minha certidão de nascimento é de lá, meus pais também se casaram no cartório do local. Hoje, a estrutura física do cartório se mantém em pé, mas a maioria das casas e dos comércios se transformam em ruínas que se somam a algumas plantas nativas do Semiárido que surgiram entre as paredes destruídas.

O surgimento do Cococi como município resulta, principalmente, do processo de migração interna no sertão do Inhamuns em meados do século XVII, como reforçam as pesquisadoras Melo e Cruz (2016, p. 95), “o registro de diversas lutas por terras no Ceará é um dos indicativos da violência no regime de posses e de migração interna.”

Neste sentido, o ex-município foi criado através da força do poder local exercida pela família Feitosa que herdou as sesmarias [prática comum no período colonial. Em nome do rei de Portugal, lotes de terras eram distribuídos a um beneficiário] que deram origem ao Cococi. A linha genealógica dos Feitosas se inicia com o português João Alves Feitosa, tendo como patriarca no Ceará, Francisco Alves Feitosa, considerado um dos maiores latifundiários do sertão dos Inhamuns.

A economia do Cococi tinha como base a pecuária. Entre os anos de ascensão em que era tido como município, de 1958 a 1969, chegou a ter três prefeitos, Lourenço Alves Feitosa, Leandro Custódio de Oliveira Castro e o último Eufrásio Feitosa, que vivenciou o declínio do Cococi. Isso porque, em 1970 a dinâmica local foi bruscamente alterada após casos de corrupção, com a descoberta que toda a área da povoação pertencia à família Feitosa (RAZENTE, 2016).

O mecanismo de corrupção funcionava da seguinte forma, o então prefeito daquela época, recebia verbas do Governo Federal para manter a localidade, mas o dinheiro era destinado para fins pessoais. Sobre a denúncia, o Ministro relatou o caso afirmou:

Do exposto, conclui-se: o município de COCOCI é uma ficção jurídico-administrativa. [...] Tudo nele é simulação. A maioria da Câmara, senão mesmo a sua totalidade, é constituída da Família Feitosa e, entre eles, dois sobrinhos do prefeito. (BRASIL, 1970, p.38)

Assim, o local tornou-se distrito do Parambu, a 50 km da sede do município. Como ato de vingança, o então prefeito – que teve o mandato cassado – incentivou que os moradores fossem embora do Cococi. Mesmo não sendo a única causa para o esvaziamento da localidade, foi a partir desse momento que o processo de desaparecimento acelerou. Por muito tempo, a história oral da região se baseou em lendas para justificar o abandono local. Essas possíveis causas sempre me rodearam e, por isso, percebi que deveria investigar o assunto.

O arquiteto Nestor Razente (2016, p. 85) apresenta boas hipóteses para a causa do sumiço da cidade no mapa, que anteriormente se confundia com misticismo. “O Cococi é aglomeração urbana abandonada por um mal que graceja há anos a administração pública brasileira: a não separação entre o bem público e o privado. Seu desaparecimento leva o coronelismo cearense ao praxismo.”

Os moradores se dispersaram nas comunidades e cidades circunvizinhas. Hoje, na mesma beira do Rio Jucá, as quatro pessoas que moram no Cococi [Clemilda, 50; Laércio, 10; Ana, 55; Antônio, 58] formam duas famílias, elas vivem da agricultura de subsistência. Criaram-se relações subjetivas de cada morador com a memória e a identidade do local. Alguns sequer conhecem a dinâmica do ex-município. A ideia de desaparecimento não só do Cococi, como também dos moradores é algo latente.

A nova Cococi não tem posto de saúde e água tratada. As únicas edificações que se mantêm em pé são as duas casas em que vivem os atuais moradores, mas até quando irão resistir? Saindo de Parambu, município ao qual Cococi pertence, é preciso enfrentar cerca de 30 km de estrada de piçarra, por meio do único transporte coletivo que faz parada no distrito, o pau de arara. A viagem acontece apenas uma vez por semana.

Noticiar o desaparecimento gradual do ex-município, há muito veiculado em diversos meios de comunicação na época, não é o ponto central deste trabalho. Esta pesquisa foca nas

vivências subjetivas das pessoas que vivem no Cococi. Quais são as memórias do Cococi que os atuais moradores ainda carregam? Quais são as experiências construídas por essas pessoas a partir de uma vivência que tece entre o abandono e o desaparecimento coletivo e individual?

Por meio dos depoimentos dos moradores que vivem na localidade, este trabalho visa apresentar as histórias de vida pessoal de uma das famílias, além de identificar as suas particularidades. Dessa forma, as perguntas a serem investigadas são: quais são as memórias latentes das antigas habitações, hoje em ruínas, que ainda se fazem presentes nos moradores? Quais são as novas histórias construídas na nova Cococi? Como sobreviver num local em crescente desaparecimento?

É pensando nessa perspectiva que surge o podcast ‘As Histórias não Contadas do Cococi’. Dividido em três episódios, a série em áudio conta a história de quem ainda hoje resiste no Cococi, tornando essas pessoas protagonistas da própria história. Além de investigar fatos que ficaram por décadas no anonimato. Se qualquer história é uma revisão, aqui os locutores e locutoras reconstroem a realidade, criando novas formas de enxergar o passado e projetar o futuro.

## 2. APROXIMAÇÃO COM O TEMA

No Brasil, o jornalismo desenvolvido para pautar o Nordeste se consolidou amparado em esquemas representativos que tratam o outro como caricato, exótico e sujeito passivo do processo de comunicação. As memórias criadas pela imprensa homogênea são para Albuquerque Jr.:

[...] Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas-clichês, que são repetidas ad nauseam, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região. (1999, p. 307)

Assim, essa estética deturpada fortalecida no imaginário coletivo foi crucial para reforçar estereótipos de como os nordestinos e as nordestinas são vistos socialmente. As reportagens feitas sobre o Cococi são exemplos do desleixo midiático. O ex-município é comparado a uma “cidade fantasma”, as pessoas são noticiadas como “diferentes” ou “congeladas no tempo”. Esse exotismo se assemelha ao que Hall (2016) nomeou de “espetáculo do outro”.

Nesse sentido, mesmo que a semente inicial deste trabalho tenha surgido de um desejo pessoal, confesso que o viés jornalístico da pesquisa também me motivou. A investigação aborda, sobretudo, o contexto social e histórico no qual as pessoas que residem no Cococi estão inseridas. Para isso, sustento em uma prática jornalística subjetiva que:

[...] no âmbito do jornalismo passou a ser uma ferramenta importante na busca pela produção de representações mais integrais sobre pessoas e grupos. Ela traz de maneira mais ampla, profunda, as camadas de existência dentro desses ambientes. (MORAES, 2019, p.209).

Seguindo esse caminho, essa pesquisa se torna inédita por trazer uma nova abordagem sobre a vivência dos moradores. Ao assumir o envolvimento com as histórias, com uma perspectiva de compreensão que mergulha nas experiências individuais e coletivas, este trabalho pode legitimar o estabelecimento e fortalecimento da memória local. Além de servir de base para outras produções jornalísticas que aproximam e correlacionam as vivências do

outro, como defende Moraes, “a prática subjetiva vai em busca de um modo de apreensão da realidade não respaldado no espetacular, mas que se interessa também pelo banal; não pelo insólito, mas aquilo o que é evidente [...]” (MORAES, 2019, p.210).

Tal perspectiva, também se propõe a investigar o que há de novo na história e por que deve ser contada agora, 50 anos depois da desapropriação do Cococi. Em paralelo, com o esquecimento gradual do ex-município, muitas comunidades que fazem parte da extensão territorial do Cococi se desenvolveram economicamente culturalmente. É importante ressaltar que ainda não há estudos na área do jornalismo que se dediquem a analisar de maneira aprofundada se os eventos anteriores influenciam a dinâmica da comunidade.

Esta pesquisa também parte da importância de adiantar o fim do descaso dos órgãos administrativos quanto ao município, visto que o “Cococi é uma localidade muito emblemática para qualquer projeto ligado à memória de Parambu” (DUARTE, 2008, p.5). Apesar da relevância histórica do município que reunia mais de 10 ruas na década de 1960, poucas edificações preservadas atualmente são as duas casas habitadas pelos moradores e a Igreja inaugurada em 1740, que ainda resiste graças aos cuidados dessas pessoas.

Uma vez por ano, a capela de cor branca que ostenta um altar barroco, testemunha o vai e vem dos moradores de comunidades vizinhas e devotos, que lotam o templo, em nove dias de festa, a partir do dia 29 de novembro para celebrar a novena religiosa dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Além das estruturas intactas citadas acima, o poder público garante um ambiente seguro para alguns que estão no Cococi, os seus mortos. O cemitério do distrito acolhe figuras emblemáticas, protagonistas de conflitos históricos do século passado, como tais e tais.

Hoje, pensar em quem vive no Cococi, bem como descreveu Rubens Venâncio, é se relacionar com o espaço de forma generosa, que desarma a ideia defasada de tratar as pessoas apenas como objeto de estudo. É entender o acompanhar de uma história. E aqui levanto um questionamento, os atuais moradores estão em qual momento na linha do tempo da história do ex-município? “Vão por Cococi”. “Essa frase é a afirmação de que lá comparecem pelo que está deixando de existir e o que existe” (VENÂNCIO, 2017, p.135).

### 3. PODCAST NARRATIVO

O suporte escolhido para o desenvolvimento do trabalho foi o podcast. Neste tópico, vai ser feita uma breve introdução sobre o material no cenário atual. Mas antes, é preciso lembrar o que se entende por podcast. De maneira simplificada, é um arquivo ou streaming disponibilizado na internet na forma de áudio, que pode ser ouvido em qualquer momento escolhido pelo ouvinte.

A saga do podcast começou em 2004 nos Estados Unidos. Dois anos após o surgimento, foi criada por aqui a Associação Brasileira de Podcasters (abPOD), mas a ascensão da multimídia no país só ganhou notoriedade anos depois. Hoje o cenário é diferente. Sobre o consumo de podcast no planeta, o Brasil só fica atrás dos EUA, como revela a Podcast Stats Soundbite (MARI, 2019 apud BARSOTTI; SANTA CRUZ, 2020). Acompanhando essa linha de crescimento, o consumo de podcasts mais do que dobrou em 2020, segundo o Spotify.

É natural que o debate sobre o assunto recebesse argumentos distintos. É importante ressaltar que não vamos nos dedicar ao embate entre rádio e podcast, tão pouco alongar comparações, mas vamos apresentar outro panorama sobre o assunto. O pesquisador britânico Berry (2020, p.3) defende que “podcast é um novo meio”. Para o autor, afirmar que ambos são idênticos é cair no reducionismo:

O rádio é um meio dispersivo, nós o ouvimos enquanto fazemos outras coisas, mas pesquisas mostram que as pessoas gostam de se concentrar nos podcasts; especialmente aqueles como RadioLab, que realmente exigem escuta atenta. As modalidades são diferentes. Podcasting é muito mais ativo.

Voltemos para as justificativas em relação a parte desse aumento, que se deve a ampliação de podcasts de gênero jornalístico. É justamente aqui onde acontece o recorte deste suporte. Analisando a sensação de companhia do áudio e a memória sensorial estimulada por esse meio, é possível construir narrativas que repensem as historiografias sociais e estabeleçam empatia com as fontes.

Esse mecanismo de aproximação permeia o estudo de Baitello Júnior (2005).. Segundo o autor, precisamos reinventar as formas de transmitir conhecimento, pois a sociedade vive em constante fadiga das imagens visuais. Para isso, é preciso “uma nova

cultura do ouvir, de uma outra temporalidade e de um novo desenvolvimento da percepção humana para as relações profundas, para os nexos profundos, para os sentidos e para sentir” (2005, p.109).

Uma alternativa para preencher esse esvaziamento é a narrativa em áudio. Essa técnica utiliza ferramentas do jornalismo literário para se aproximar do mundo e criar conexões com as pessoas. Entre as dez características do gênero literário apontadas por Lima (2009), podemos mencionar: imersão, responsabilidade ética, humanização, voz autoral, compreensão, universalização temática, simbolismo e contação de histórias. Esses traços não desqualificam o discurso jornalístico, como afirma Silva:

A junção entre o universo, da mensagem jornalística e o criativo da arte sonora, conteúdo e forma, dá-lhe unicidade. Por um lado, tem-se a busca pela representação das experiências humanas reais, por outro, o artifício da subjetividade sensorial que não se restringe a um registro puro (2020, p. 56).

Com isso, é possível ponderar que o jornalismo literário e a subjetividade, teoria discutida no próximo tópico neste trabalho, possuem em comum a defesa por narrativas que enxerguem o outro com dignidade, levando em consideração a complexidade de cada pessoa e a realidade em que está inserida. E quando a voz humana se torna o principal recurso, o jornalista assume um papel plural e honesto quanto às suas experiências, como interpreta Lindgren:

O crescimento do jornalismo pessoal e subjetivo é ilustrado de duas formas: primeiro por jornalistas [...] participando da história e compartilhando suas experiências; e, em segundo lugar, por jornalistas que adotam uma abordagem de contação de histórias para o desenvolvimento de seu jornalismo, enfatizando as experiências pessoais dos sujeitos da história(2020, p. 115).

O Brasil possui bons exemplos de narrativas em áudio que contam histórias de forma íntima, generosa, e não se esgota no conteúdo em si, esse vínculo perpassa o fone de ouvido e atinge o ouvinte. O Faxina Podcast é um deles, fundado no mês de março de 2020. Apresentado por Heloiza Barbosa, o programa conta histórias de brasileiras e brasileiros que migraram para os EUA para trabalhar em lares americanos. Em 2021, o Faxina foi premiado

no Third Coast Festival/RHDF Competititon<sup>1</sup>, festival de podcast narrativo dos Estados Unidos. A descrição do Faxina dá uma dimensão do envolvimento pessoal:

[...] Quando pensamos em criar este espaço de diálogo a partir das histórias de vidas de pessoas excluídas dos holofotes e microfones das mídias dominantes, o ritual da faxina serviu como uma perfeita metáfora. Histórias têm o poder de nos alargar o peito para caber mais compaixão, mais amor e mais empatia. Histórias têm também o mágico poder de criar novas formas de entender, pensar e agir no mundo [...] (FAXINA, 2020)

Como mencionado anteriormente, o confinamento exigido pela pandemia é apontado como uma das principais causas para o crescimento do consumo de podcasts no Brasil<sup>2</sup>. Mesmo com esse destaque, é preciso mencionar que antes do surto de coronavírus, já existia uma disparidade no meio. Mesa-redonda é o formato predominante entre os 20 podcasts mais citados nas respostas da PodPesquisa, feita pela abPOD em 2019<sup>3</sup>. Projeto Humanos, lançado em 2015, é o único podcast narrativo que está na lista.

Essa lacuna evidencia a importância de produzir estudos mais aprofundados na área da narrativa em áudio. Pois, em sua essência, o formato também acompanhou as tendências do Novo Jornalismo desde as décadas de 1960 e 70, momento em que histórias de vida ganharam mais interesse público (LINDGREN, 2020, p. 114).

Assim, em linhas gerais, o podcast narrativo pode ser resumido como um gênero de envolvimento pessoal das vozes presentes em um determinado programa. De fato, é um novo jeito de contar histórias. Os apresentadores conversam de maneira espontânea, por meio de um roteiro estruturado e planejado que valoriza a oralidade. Por isso, a narração fica intimista, pois soa como se estivesse escutando um amigo(a).

O ritmo desse formato, em sua maioria, utiliza sonoras curtas, arquivos de áudio, falas, cenas, trechos de entrevistas e diálogos de personagens. Com isso, é possível criar o arco narrativo da história, que não necessariamente segue um tempo cronológico, mas precisa ter início, meio e fim, e momentos de ações no decorrer do episódio para captar o ouvinte. Para Lindgren:

É um estilo eficaz, que visa tornar a ciência divertida. Entretanto, exige que os ouvintes confiem nos produtores como jornalistas que coletam, avaliam e compartilham informação. (2020, p. 123)

Esse ponto levantado por Lindgren é importante, pois o podcast narrativo só alcança uma audiência qualificada se o público compreender que em alguns momentos o repórter vai se colocar como parte da história. Ou seja, existe objetividade jornalística, mas vai estar diretamente conectada com a subjetividade. Então, ter um olhar crítico sobre o que é apresentado também é essencial para popularizar o gênero.

Desenvolver uma produção narrativa em plena pandemia também exige novas formas de trabalho, como por exemplo, a captação de áudio em campo para transportar o ouvinte para a história. Então, torna-se essencial mencionar a aproximação das histórias, mesmo se tratando de um fato pessoal, como menciona os autores Chagas, Viana e Balacó:

[...] ao mesmo tempo em que histórias pessoais e particulares são retratadas, há o cruzamento com outras milhões de histórias vividas por outras pessoas ao redor do mundo. Parte-se da experiência pessoal para uma experiência global, já que o vírus se encontra próximo de todos nós, independentemente das regiões do país. (2020, p. 24)

Neste sentido, o podcast ‘As Histórias não Contadas do Cococi’ também cumpriu o papel de reduzir a desigualdade de informação na região, além de democratizar o acesso à novos ângulos da história do Cococi<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> <https://www.thirdcoastfestival.org/competition/>  
<https://extra.globo.com/economia-e-financas/pandemia-provoca-aceleracao-do-consumo-de-podcasts-no-brasil-revela-pesquisa-25120095.html>  
<https://abpod.org/podpesquisa/>

#### 4. APROXIMAÇÃO COM O JORNALISMO SUBJETIVO

Contar histórias sobre acontecimentos que fazem parte do cotidiano, acolhendo o outro sem julgamento e ideias preconcebidas, são características que devem estar presentes nas reportagens da forma mais honesta possível. Mas, esse olhar não domesticado ainda é um desafio no jornalismo. Foi a partir dessa lacuna presente na área que Fabiana Moraes decidiu se dedicar à expansão da subjetividade na profissão. A autora uniu aspectos para a construção de narrativas que para ela têm a ver com a “busca pela não exotificação das pessoas e grupos; por uma escrita a partir de um lugar não neutro; por uma busca daquilo que não é necessariamente extraordinário” (MORAES, 2019, p.5).

Estas particularidades defendidas pela autora serão as bases para o amadurecimento deste trabalho. Logo mais, outros referenciais teóricos serão apresentados: Antropologia Interpretativa e Podcast. Todos eles importantíssimos para conectar assuntos sobre o tema escolhido para este projeto. Agora, voltemos para a discussão sobre o jornalismo subjetivo.

Podemos considerar que o debate acerca da prática da subjetividade não é algo novo. Entretanto, há muitas décadas, a imprensa tem se utilizado de um modelo dominante de objetividade para proferir a falácia de uma verdade absoluta carregada de neutralidade, negando a importância da subjetividade jornalística. Essas visões, na maioria das vezes, são feitas por homens brancos, que detêm o poder.

Neste sentido, Moraes não exclui a necessidade da objetividade. Pelo contrário, ela reforça que as duas práticas devem interagir, mas é necessário entender a base do processo jornalístico, a exemplo dos valores-notícia que são decididos por pessoas. Logo, esses indivíduos estão sujeitos a fazer um recorte de quais histórias merecem visibilidade, qual abordagem deve ser feita para cobrir a história, a escolha das fontes e quais informações vão ser priorizadas e quais serão excluídas da reportagem. Tal perspectiva é pontuada pela autora:

A subjetividade a qual nos referimos nesse jornalismo que busca ser mais integral se situa em critérios também objetivos: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais, grupais; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante (em nosso caso, a brasileira, fraturada pelo classismo e pelo racismo); na necessidade de olhar miúdo para entender como essas questões se traduzem nas pessoas, em como são devolvidas ao mundo [...] (MORAES, 2019, p.209).

O termo “jornalismo de subjetividade” foi nomeado por Moraes em 2015, quatro anos depois da reportagem “O Nascimento de Joicy”, publicada no *Jornal do Commercio*, do Recife (PE). A autora acompanhou o dia a dia de Joicy, uma transexual que vivia no agreste de Pernambuco. Moraes documenta o longo processo da protagonista para conseguir ter acesso a uma cirurgia de transgenitalização. Posteriormente, a narrativa deu origem ao livro *O Nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre o repórter e o personagem* (2015). Na obra, para além dos bastidores da reportagem, a repórter inclui dois capítulos debruçando a proximidade estabelecida com a entrevistada.

A partir da experiência, Moraes percebeu que o modelo de objetividade tão impregnado nas redações não dava conta da complexidade do ser humano. A relação construída com Joicy criou vínculos emocionais, a autora passou a se preocupar com a condição social da entrevistada “por mais que eu tentasse domar a minha reação e minha dor, nem sempre era possível mantê-los distantes do ambiente da pauta. Como apagá-los ao mever em situações permeadas por tantos conflitos e intimidade?” (MORAES, 2015, p. 18).

Os limites entre razão e emoção ainda geram embates. Em relação a este ponto, Moraes salienta que “a emoção, entendida como característica feminina, novamente surgindo como uma erva daninha na prática jornalística” (2019, p.8). Deficiências como essas revelam mais uma vez, as falhas do jornalismo neutro, pois “nesse processo de criação da notícia, o jornal produz não só o que precisa ser lembrado, mas também o que deve ser esquecido, silenciado” (SANTOS, 2019, p.15). Assim, este trabalho vai utilizar como base a subjetividade jornalística para criar conexões das memórias passadas ou recentes relacionadas às histórias do Cococi, deixando claro para o leitor a tomada de decisões, levando em consideração a diversidade de contextos.

É preciso lembrar que as estratégias presentes no jornalismo subjetivo trazem à tona a urgência de priorizar narrativas pessoais para mudar o paradigma que persiste nos veículos de comunicação com ideias comumente dominantes. Contudo, é necessário reconhecer que o sucateamento das redações e a exigência de prazos curtos retarda o desenvolvimento da prática. A lacuna também recai sobre os estudos do gênero na academia, onde não vêm sendo explorados com a visibilidade que merece. Assim, a contribuição de materiais nessa área torna-se fundamental para expandir a discussão sobre as temáticas.

Partindo desta perspectiva, é importante recorrer a outros referenciais teóricos para entender de forma aprofundada a complexidade que o tema exige. Afinal, assim como qualquer ser humano, o jornalista não é neutro, possui vivências que influenciam no modo de agir e pensar. Assim, a Antropologia Interpretativa torna-se uma ferramenta essencial para auxiliar este trabalho.

O norte-americano Clifford Geertz (1976) foi um dos principais precursores da teoria. Tendo produzido importantes estudos na segunda metade do século XX, o antropólogo sustentava-se na hermenêutica para reforçar que a realidade deve ser interpretada, não explicada. Primeiramente, é essencial desfiar o que se entende por interpretação. Para Todorov a “interpretação de um elemento da obra é diferente segundo a personalidade do crítico, suas posições ideológicas, segundo a época. Para ser incluído em um sistema que não é o da obra, mas o do crítico” (1976, p.210).

Essa característica se aproxima dos traços da subjetividade, captando que qualquer indivíduo não é objetivo, torna-se evidente que jornalista e entrevistado são seres dotados de sentimentos e emoções. É onde entendemos que “emoção também é informação” (MORAES, 2015, p. 25). Os estudos de Geertz se conectam com essas ideias:

[...] Não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tornar-nos nativos ou copiá-los. [...] O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente. (2008, p.10).

Diante do que foi apresentado, nota-se algumas semelhanças entre jornalismo e antropologia. Os diálogos possíveis criados entre as áreas se dão, principalmente, pela função de analisar e documentar as experiências humanas, mesmo que isso aconteça em prazos distintos. Por exemplo, ambos precisam ir a campo para compreender o contexto de uma história, com a combinação da subjetividade no processo, é possível conectar as pessoas de volta à memória holística que experienciam, como é o caso do Cococi. Assim, a junção desses conhecimentos irá proporcionar à prática do jornalismo maior plenitude, riqueza e complexidade de uma história, além de “tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados” (GEERTZ, 2008, p.20).

De fato, Geertz defende abertamente de que não existe apenas uma, mas várias realidades e visões de mundo diferentes. Estas fortalecem o cerne da subjetividade como essencial para a construção de um jornalismo autoconsciente e transparente, sem privar o leitor do processo jornalístico, uma oportunidade para desmistificar a ideia de parcialidade. Também é necessário dar conta da diversidade histórica, geográfica e plural, já que o esquecimento desses fatores custou tão caro a comunidades e grupos, explorados pelas grandes mídias através de reproduções viciadas e preconceituosas.

Aproveitando essa brecha deixada pela discussão, reforço “o perigo de uma história única”, termo utilizado pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie. Em palestra no TED em 2009, ela adverte que o outro é tratado como coisa quando temos apenas um olhar sobre a história “ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes, ao invés de como somos semelhantes”<sup>2</sup>. A escritora ainda complementa as consequências de “como são contadas, quem as conta, quando as histórias são contadas, tudo depende do poder.”

Neste sentido, colocar as pessoas como corpo pensante e parte das narrativas é urgente. As reportagens feitas sobre o Cococi, em sua maioria, revelam o modelo falido de uma história única. Repercutida como “cidade fantasma” e aqueles que vivem lá como “esquecidos no tempo”, desumanizam os moradores em nome do jornalismo neutro, tornando tudo em produto e audiência.

Este ângulo colonizador é excluído por Razente. Ao investigar os motivos de desapropriação do Cococi, o autor identificou o distrito como uma povoação abandonada. Sobre o termo compreende-se:

um conjunto de edificações que outrora foi um lugar, conceito defendido por Santos (1996) com moradias, escolas, igrejas e atividades comerciais, tendo sido arraial, vila ou cidade, e que, na atualidade (2013), encontra-se em ruínas, desabitado ou com pouquíssimas pessoas residindo. (apud RAZENTE, 2017)

---

<sup>2</sup> Chimamanda Adichie: o perigo de uma história única, 2009. Link: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br)

O apontamento do conceito se faz necessário, pois no decorrer de todo o trabalho foi utilizado o termo conceituado acima.

Retomando Moraes e Geertz, ambos desenvolvem teorias questionadoras em relação ao modelo de objetividade ao analisar as vivências humanas. Assim, os estudos vão servir de base para aflorar histórias até então adormecidas, para além de inovar a relação entre o jornalismo de subjetividade e a antropologia interpretativa. As teorias serão importantíssimas para construir narrativas com novas referências que utilize o espaço jornalístico como um meio para vozes existentes serem protagonistas da sua própria história, sem reducionismos e rótulos ligados ao modelo de “dar voz” (MORAES, 2019). O importante é não deixar que as histórias sejam esquecidas e apagadas. Afinal, elas existiram e contribuíram para pesquisas como esta narrada na produção do podcast sobre Cococi.

## **5. O ESPAÇO DA MEMÓRIA**

A densidade pessoal de cada pessoa entrevistada neste trabalho possui uma força essencial para a sustentação da narrativa. Mas extrair esses detalhes é trabalho árduo. Segundo a escritora Ecléa Bosi, o resgate da memória é: "uma paciente em reconstituição" (2006, p. 47). Por esse motivo, durante a fase de pesquisa e produção também foi importante diferenciar o lembrar de forma individual do coletivo das pessoas que eram envolvidas com a história do Cococi.

Para os que estão vivos, a memória que realmente ficou significava algo mais potente. Seja da própria vida, ou da vivência com o Cococi. Familiares e indivíduos criaram uma espécie de mapa afetivo do distrito. Isso fica evidenciado quando as falas se tornam repetitivas ao rememorar o que se manteve conservado nas lembranças. Pois ter memórias não é o mesmo de conseguir renová-las. “Narrar é também sofrer quando aquele que registra a narrativa não opera a ruptura entre sujeito e objeto” (2006, p. 13).

Parece simples, mas a forma como as histórias são contadas ativam emoções que se afloram e emergem no corpo de um ser humano. No podcast deste trabalho, os relatos de alguns entrevistados, às vezes, pareciam trabalhar o consciente. Até porque, quando lembradas as memórias do passado Cococi, as fontes não estavam fazendo uma visita a determinado período, mas sim tentando reconstruir o que viveu ontem, mas com as bagagens de hoje.

## 6. METODOLOGIA DO TRABALHO - FASES DE PRODUÇÃO

### 6.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Para dar início a essa pesquisa, o primeiro passo foi mergulhar nas leituras que haviam sido escritas sobre a história do Cococi. Durante o ano de 2020 e o primeiro semestre de 2021 debrucei em artigos, documentos e livros publicados. Essa revisão possibilitou enxergar as lacunas do assunto, a maioria dos estudos focava na família Feitosa. Então, trazer uma nova abordagem para um tema já bastante explorado foi o pontapé inicial. Mas faltava conhecer a atual realidade do território e dos moradores.

O primeiro pesquisador que entrei em contato foi o arquiteto Nestor Razente. No decorrer das pesquisas, li uma reportagem no Nexo Jornal sobre um livro que abordava seis povoações abandonadas do Brasil, Nestor é o autor da obra. Aquela leitura me chamou atenção porque pela primeira vez vi alguém conceituando Cococi como uma povoação abandonada, ao invés de nomear como ‘cidade fantasma’. Trocamos e-mails em março de 2020. Ele encaminhou alguns documentos que o guiaram na escrita sobre o distrito. A conversa só foi retomada em 2021.

Por se tratar de um contexto pandêmico, decidi começar a buscar pessoas próximas e familiares que tinham alguma relação com o Cococi. Logo minha mãe indicou um amigo, o Seu Otto, que adorava estudar o passado do Ceará. Marcamos alguns encontros, mas tive dificuldade em manter contato. Em meados de dezembro de 2020, ele e a esposa -- ambos idosos -- ainda não tinham tomado a vacina contra a Covid-19. Por esse motivo, desisti de tê-lo como fonte e segui a procura.

Encontrei uma amiga antiga da família, Francimaria Dantas. Ela vive com a família há anos em uma comunidade perto do distrito, e também conhecia pessoas mais ligadas com a história. Francimaria encaminhou o número de Rejane, a responsável por me acompanhar em todas as visitas que fiz ao Cococi.

O primeiro contato que fiz com Rejane foi em janeiro de 2021. As primeiras conversas foram via WhatsApp. Inicialmente, a ideia era entender o envolvimento dela com o Cococi. Conversamos somente naquele momento. Conteí a ideia do podcast, as questões que me instigaram a desenvolver o trabalho e a memória familiar que existia. Ela falou sobre as problemáticas do lugar, disse os nomes das pessoas que ainda viviam no distrito e me

convidou para visitar a casa da mãe dela. Essa troca foi muito importante para que ambas pudessem compreender a subjetividade de cada uma a respeito do lugar.

A mãe de Rejane, dona Socorro, mora em Mundo Novo, assentamento que fica a oito quilômetros de distância do Cococi. Combinei de acompanhá-la no fim de semana seguinte que fosse para o interior. Antes da viagem, perguntei previamente sobre possíveis pessoas que poderiam ser fontes e personagens do podcast. Ela indicou o avô, seu Luís Quililiu, além de Clemilda e Ana, moradoras do Cococi. Em 23 de janeiro de 2021, um sábado, foi o dia em que voltei pela primeira vez, depois de anos, para visitar a povoação abandonada.

## 6.2 SELEÇÃO DOS PERSONAGENS

A escolha dos entrevistados aconteceu de maneira natural. Na medida que fui percorrendo o Cococi e as pessoas envolvidas, fui desenvolvendo o roteiro. A ideia não era ambiciosa, mas exigia paciência. Queria contar a história de vida de pessoas que fizeram parte de alguma fase do Cococi, mas que nunca tinham compartilhado a narrativa pessoal.

Antes de continuar, é importante mencionar que esse hiato entre os contatos prévios com algumas fontes se deu por conta da decisão pessoal de adiar por um semestre o TCC. Voltando a etapa da pré-entrevista, a primeira conversa que tive com as fontes foi no dia 23 de janeiro de 2021. Eu e Rejane saímos de carro do município de Tauá em torno de duas horas da tarde daquele dia. Chegamos no fim da tarde no assentamento Mundo Novo. Poucos minutos depois da chegada, fomos ao Cococi.

Rejane me apresentou as duas famílias que vivem no local. Primeiro, passamos na casa de Nilda. Falei sobre a ideia do podcast e do meu interesse em conversar com ela outra vez. Gravei a conversa em áudio apenas por garantia. Decidi que o momento seria para criar um vínculo e aproximação. A conversa durou em torno de uma hora. Ela aceitou participar e passou o número do celular.

Alguns passos dali, quando estávamos a caminho da casa de Ana, vimos que ela estava de saída. Ficamos de marcar outro dia para conversar. Mas por receio de ter somente um episódio para as duas famílias, e este não dar conta das histórias, escolhi seguir apenas com Nilda.

Retornamos para o Mundo Novo, perguntei para Rejane se alguém da casa dela

toparia participar. Mesmo com a resposta negativa, todas conversas informais que tive com os familiares e vizinhos de Rejane foram importantes para entender o contexto e conseguir adentrar na história. Um dia depois, no domingo, conheci o avô de Rejane, seu Luís Quililiu. Estava decidido que ele seria o protagonista do primeiro episódio e só a partir dele seria puxado o fio da história do Cococi.

Conversamos sobre sua adolescência e fase adulta, casamento, a relação com o Cococi, as adversidades que enfrentou ao longo da vida, e de bônus, ele ainda contou um pouco sobre a ancestralidade dos meus avós paternos. Assim como na conversa com Nilda, quis criar uma relação de confiança com seu Luís. Concordamos em nos encontrar no mês seguinte, em fevereiro/2021. A conversa foi gravada no celular, mas a maior parte corrompida, pois estávamos em um cômodo da casa com ruídos de vozes e barulho do estalo do dominó na mesa. Meses depois desse encontro, Seu Luís Quililiu faleceu.

Com muita resistência, Rejane topou falar para o podcast. Por ter me acompanhado em todas as visitas ao Cococi, a voz dela está presente em todos os episódios. Mas escolhemos focar na história de fé que envolve o distrito, pauta do terceiro episódio. Por último, marquei entrevista com pesquisadores que estudam o tema. Estas foram programadas por e-mail. Escolhi o arquiteto Nestor Razente, por levantar questões inéditas sobre o assunto e o historiador Paulo César, autor do livro mais recente sobre a historiografia do Cococi.

### 6.3 PRODUÇÃO

A pesquisa de campo foi guiada pela interação entre pesquisador e pesquisado, a proposta precisava de imersão e sensibilidade. Essas características se encaixam com o método de história de vida, como afirmam as autoras Meneses Santos e Silva:

[...] não há melhor caminho do que obter estas informações através da própria voz da pessoa. O método utiliza-se das trajetórias pessoais no âmbito das relações humanas. Busca conhecer as informações contidas na vida pessoal de um ou de vários informantes, fornecendo uma riqueza de detalhes sobre o tema. Dá-se ao sujeito liberdade para dissertar livremente sobre uma experiência pessoal em relação ao que está sendo indagado pelo entrevistador (2008, p. 715).

Com o emprego do método de história de vida foi possível compreender os discursos das pessoas, como atores ativos, respeitando suas particularidades e vozes, mesmo que algumas opiniões sejam contrárias a da pesquisadora. Afinal, nesse método, os relatos dos moradores que vivenciam o Cococi é a prioridade. Não custa lembrar que nos contatos com Nilda, moradora da povoação, foi utilizada a escuta ativa como base para se aproximar das pessoas e gerar confiança mútua, pois:

[...] essa postura ativa demanda muito mais do que fazer sim com a cabeça, sorrir, emitir sinais de que está entendendo, está interessado, se divertindo, se indagando ou se surpreendendo com o que está sendo dito. O resultado para quem a adota é uma forma motivadora de participação, tanto para o ouvinte quanto para o falante (AMÉLIO; MARTINEZ, 2005, p.99).

Com as demais fontes, também absorvi esse método para realizar as entrevistas. Esse foi o momento para criar uma relação mais próxima com as pessoas. Pois a maioria ainda sentia vergonha de falar sobre questões pessoais. Ao longo do processo, notei a importância de ter dado tempo aos entrevistados, assim foi possível extrair mais informações durante as conversas e todos se sentiram à vontade.

A produção dos episódios teve a seguinte ordem: pesquisa de personagens, pesquisa documental, visita de campo, pré-entrevista, gravação, transcrição das entrevistas, roteiro, montagem, edição e mixagem de áudio.

#### 6.4 PODCASTING: PERCURSO DA PRODUÇÃO E ESCOLHA DO PRODUTO

A linguagem afetiva do podcast ‘As Histórias não Contadas do Cococi’ foi criada para ser a ponte das vozes e potencializar o poder de fala de grupos silenciados no passado. Nesse caso, para alcançar uma audiência qualificada para o podcast, foi costurada uma história que traz a sensação de ser contada como um sussurro no ouvido, de maneira pessoal para despertar conexão no ouvinte. Assim, é como se a apresentadora fizesse parte do círculo de amigos. Ela utiliza uma comunicação gentil, informal e com ausência de julgamentos (LINDGREN, 2020).

A série em áudio deste trabalho é dividida em três episódios: “A sentença”, que resgata a história do Cococi e apresenta sujeitos conectados com a memória local; “Nilda e a

casa”, conta a narrativa pessoal de uma das únicas moradoras do Cococi através dos relatos da própria protagonista; e por fim, “Quem volta”, dedicado a mostrar as conexões entre a fé e a identidade criada pelas pessoas a partir da festa anual da Imaculada Conceição realizada na igreja da povoação abandonada.

Com 28 minutos e 26 segundos de duração, o primeiro episódio começa com arquivos de áudio de reportagens e vídeos feitos por pessoas comuns que visitavam o Cococi no intuito de conhecer as ruínas do local. Neste piloto, foi importante acentuar a linguagem imersiva para recriar situações do passado da localidade. Como, por exemplo, na sentença do Diário Oficial da União que anunciava a decisão de rebaixar a cidade para distrito.

Para simular esse acontecimento foi utilizado um efeito técnico que envelhece a voz e dá a sensação de ser um áudio gravado na década de 1970, período em que a qualidade da voz emitida no rádio era diferente. Ao longo do programa piloto, foram utilizados elementos sonoros para formar imagens Cococi para o ouvinte, som dos animais e dos passos. O som do carro na estrada também foi introduzido para dar a ideia de movimento e imersão na viagem.

O segundo episódio, com 20 minutos e 39 segundos de duração, focou no relato pessoal de Nilda. É através dos depoimentos da protagonista que capítulos da sua vida vão sendo atravessados. Neste, houve a preocupação de construir a costura das falas para que a história pessoal também se tornasse universal.

O foco na memória sensorial também está presente no terceiro e último episódio do podcast. Ao longo dos 23 minutos e 52 segundos, foram escolhidos sons ambientes da festa da Imaculada da Conceição para que o ouvinte conseguisse se adentrar no local. Além disso, também foi criada uma propaganda fictícia da celebração religiosa para dar tornar a retomada da festa pós pandemia o máximo realista para o público.

A reconfiguração da mídia sonora gerada pela evolução do podcast traz bons horizontes para um futuro próximo, por ser um espaço de comunicação gratuito, livre e adaptável a novas realidades e diferentes vozes podem ocupar o meio. É através desse pensamento que a narrativa em áudio foi o meio utilizado para contar as histórias múltiplas e complexas de pessoas comuns do Cococi.

## 6.5 GRAVAÇÃO

As gravações foram divididas em vários dias e foram decididas de acordo com a disponibilidade das fontes. No percurso, houveram alguns imprevistos, principalmente, pela dificuldade em se deslocar até o Cococi. Já que não tinha transporte próprio para ir, precisava contar com caronas ou me organizar no estágio para ir de pau de arara. Pois os horários chocavam com o expediente do trabalho. Desta maneira, o cronograma final de 2021 ficou da seguinte forma:

23/01 - Entrevista com Seu Luís Quililiu

15/10 - Entrevista com Nestor Razente

28/10 - Entrevista com Paulo César

30/10 - Entrevista com Nilda

01/11 - Entrevista com Rejane

03/12 - Entrevista com Francimaria

03/12 - Entrevista com Antônio

As conversas com o pesquisador Nestor Razente e o historiador Paulo César foram realizadas via plataforma zoom. No caso de Nestor, devido à distância, pois reside no Paraná. Já Paulo César, estava com a agenda cheia. Então, preferiu o encontro pela internet. As demais entrevistas foram feitas no Mundo Novo e no Cococi. As conversas Rejane e Seu Luís Quililiu foram realizadas na casa de Socorro. A entrevista com Nilda aconteceu na sede do Cococi, na casa em que mora. As conversas com Francimaria e Antônio foram durante a novena do Cococi. Por esse motivo, é possível escutar ao fundo vozes paralelas e o som na parte interna da igreja.

Os equipamentos disponíveis para a realização do podcast foram dois celulares, mas em gravações separadas. Com Seu Luís Quililiu, um Iphone SE. Já nas outras entrevistas, um Iphone X. Para a captação do áudio foi utilizado um microfone Boya modelo BY-MM1+. Todos os eletrônicos foram escolhidos por serem os únicos disponíveis. Não havia possibilidade de usar algum da universidade, não só por estar fechada devido a pandemia, mas também por não ter equipamento adequado para o formato em áudio.

## 6.6 PÓS- PRODUÇÃO: DECUPAGEM E ESTRUTURAÇÃO DO SITE

Quando pensei em produzir um podcast como trabalho de conclusão de curso, desde o princípio, queria ter alguns amigos que fiz parceria em outras produções em áudio ao longo da graduação. Assim, convidei duas pessoas para participarem da equipe, Pedro Miranda para edição dos três episódios, e Ana Luisa Leandro, responsável pela identidade visual. Mas há um ponto importante, apesar dos dois não estarem presentes nas demais etapas. Foi preciso mantê-los entrosados de todas as fases para que no momento da execução das funções, as ideias não ficassem desalinhadas com a proposta do podcast.

Como foi mencionado anteriormente, o roteiro foi construído a partir de uma linguagem imersiva. Alguns elementos foram pensados antes mesmo da realização das entrevistas. Mas só após as conversas, foi possível concluir se a costura da história iria funcionar. A estratégia inicial era a seguinte: uma história com início, meio e fim, com momentos de ações. Para isso, fiz uma pré-pesquisa do que poderia ser abordado, mas para a entrevista não fiz um roteiro de perguntas, deixei a conversa fluir.

Em todos os episódios, acredito que a pré-pesquisa foi essencial. Pois a história sobre o Cococi é um tema bastante explorado, então investigar o que ainda não foi aprofundado e trazer novas abordagens foi crucial para dar o tom do podcast. Segundo Puccini, “roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim” (2012, p.16).

Logo no início da produção, estava certo de que Seu Luís Quililiu seria o fio condutor do primeiro episódio. Com a morte dele, precisei buscar outros planos. Me dediquei nas pesquisas de arquivos de áudio para costurar a narrativa, foi quando encontrei uma entrevista com o ex-prefeito do Cococi, Leandro Custódio. E como é um episódio que também narra o passado, foi preciso recriar cenas a partir de informações que encontrava em textos, imagens e até mesmo do que as pessoas falavam.

Na visita ao Mundo Novo tive o estalo de que aquele local e as pessoas que viviam ali representavam as novas histórias do Cococi, já que pertence à área territorial do distrito. Decidi, então, me integrar mais no ambiente. Captei áudios do cotidiano, como conversas entre mãe e filha [Socorro e Jane], o modo de trabalho e a relação deles com o Cococi.

Já no segundo episódio, desde o começo a ideia era conhecer a história de vida de Nilda. Então, a principal preocupação era criar uma relação de confiança para que ela não

tivesse receio em conversar sobre algum assunto que não costumava compartilhar com outras pessoas. Fazer perguntas que ativassem as suas emoções também foi uma prioridade.

Enquanto Nilda rememora o passado do Cococi, lanço no episódio áudios que fazem parte do presente. Como no bloco em que ela se lembra da infância no distrito e logo depois peço para ela me apresentar a casa. Esse aspecto é chamado de descontinuidade. Então, ao longo do episódio, o ouvinte está conectado em dois momentos. Lembrando que a história da vida de Nilda é a principal característica da narrativa.

O recurso de utilizar arquivos de áudios também foi usado no terceiro episódio, pois como a festa da Imaculada Conceição começa dia 29 de novembro, restaria pouco tempo para o roteiro e edição. Por isso, alguns áudios precisaram ser simulados. A exemplo, dos sinos e do som dos passos da multidão na procissão. Pensando no tempo do podcast, também arrisquei montar a história em dois tempos: o tempo das conversas com Rejane acontece antes da novena, e o tempo cronológico, que se passa no ano da pandemia e durante os dias da manifestação religiosa em 2021.

Após a conclusão dos três roteiros, foi iniciada a montagem e edição de áudio. Primeiramente, separei todos os áudios e trechos de entrevistas que considerava importante para dar ritmo à narrativa. Ter momentos altos nos episódios era necessário para o ouvinte não ficar cansado, e nem se perder com as informações. A primeira versão de cada episódio sofreu modificações. Mudei a ordem de alguns offs para dar dinamismo e dar mais conexão às falas.

A trilha sonora utilizada faz parte do banco de músicas gratuitas do YouTube. No segundo episódio, foi usada a música “Meu Mel”, do compositor Markinhos Moura, cantada por Zé Vaqueiro. E no último, a canção “Pare o mundo que eu quero descer” do cantor Silvio Brito.

Sobre a distribuição do material, decidi armazenar nas principais plataformas de áudio: Deezer, Spotify, Apple Podcasts, Google Podcasts e Amazon Music. Também escolhi o YouTube pensando na escuta das pessoas mais velhas que vivem no interior e encontram dificuldade para baixar aplicativos de música para escutar podcasts.

A identidade visual foi feita pela designer Ana Luisa Leandro. A ideia era criar algo que não reforçasse os estereótipos do Cococi e da imagética do sertão. O frame contém uma cadeira de balanço no meio do cenário abandonado e é um símbolo do “contador de história”. As fontes remetem à máquina de escrever. No caso da paleta de cores, apesar de serem tons

pastéis eles não representam doçura, e sim as cores características de uma arquitetura nordestina, que trazem a sensação de nostalgia.

Depois de todo esse processo, foi construído o site: <https://www.podcastcococi.com/>. Partindo da ideia de algo simples e prático, montei um layout com três divisões das seções: Home, episódios e expediente. Na aba episódios, foi adicionada uma galeria de fotos referentes às histórias. A cor da plataforma multimídia ficou escolhida na tonalidade preta, a decisão deu-se pelo senso estético.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado neste trabalho, trazer novas abordagens nas produções em áudio pode fomentar relações éticas e generosas na prática jornalística. Principalmente, ao oferecer um equilíbrio entre a subjetividade e a objetividade. Afinal, observar o outro sem exotismo ainda é um grande desafio para os jornalistas, mas refletir sobre esses olhares é um passo importante para ressignificar o espaço ocupado por pessoas comuns nos meios de comunicação.

Por isso, buscamos, nesta produção, fortalecer a narrativa em áudio no sentido de colocar as pessoas como sujeitos ativos, levando em consideração as suas realidades, contextos e particularidades. Não custa lembrar que por décadas uma parcela significativa dos comunicadores era formada por homens brancos. Assim, não é difícil apontar a quantidade de vivências múltiplas ignoradas por profissionais que ocupavam o local de poder, pois o jornalismo ainda não deixa de ser uma área segregadora.

Os relatos que ouvimos neste trabalho confirmam que o conto da história única é excludente e rejeita as experiências diversas. Por outro lado, os depoimentos também revelam uma nova face da história do Cococi, o que antes não era possível, pois era narrada como se houvesse apenas um protagonista. Assim, é preciso subverter a ordem de um jornalismo preguiçoso que insiste em focar em apenas uma voz ou direcionamento.

Neste sentido, desenvolver uma produção sem um olhar carregado de julgamentos é, antes de qualquer outro ponto, garantir que se torne pública as histórias que frequentemente ficam sucumbidas no anonimato. Só que construir um jornalismo subjetivo requer tempo. Com as novas formas de trabalho impostos pela pandemia, essa retomada de fôlego pode demorar mais que o previsto. Mas este trabalho é um reflexo do mercado de podcast pelo país, caso repensado, tem potencial para dar o microfone a novas vozes.

Enquanto não vivenciamos essas mudanças, reitero aqui uma frase de Fabiana Moraes (2015, p. 217): “uma verdade nunca é uma, e sim multifacetada”. Esse é um conselho defendido pela pesquisadora sobre a contribuição da pesquisa histórica para o jornalista pensar na multiplicidade dos acontecimentos. De fato, o jornalismo ainda tem muito o que aprender.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. **The danger of a single story**. TED, 2009. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?fbclid=IwAR1VLThvD6vEiQIVz-WXQ7FP1PM5cCtneC6F4icLqw4DOrd6GWE2-aRJ1Hw&language=pt-br#t-596758](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?fbclid=IwAR1VLThvD6vEiQIVz-WXQ7FP1PM5cCtneC6F4icLqw4DOrd6GWE2-aRJ1Hw&language=pt-br#t-596758). Acesso em: 3 dez. 2020.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Massangana, São Paulo: Cortez, 1999.
- AMÉLIO, Ailton e MARTINEZ, Monica. **Para viver um grande amor**. São Paulo: Gente, 2005.
- BAITELLO JR, Norval. **A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker, 2005.
- BARSOTTI, Adriana; SANTA, Lucia Cruz. **Jornalismo literário em podcasts: Uma análise dos roteiros do Vozes, da CBN**. Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 137-159, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/radiofonias/article/view/4326/3399>. Acesso em: 17 set. 2020.
- BONIN, J. A. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. Revista FAMECOS, Porto Alegre, ano 2008, v. 15, n. 37, p. 121-127, 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4809/3613>. Acesso em: 13 dez. 2020.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BRASIL. **Diário Oficial da União**. 22 mai. 1970, p. 3872-3874.
- BRASIL. **Diário Oficial da União**. 9 set. 1971, p. 7325-7328.
- CEARÁ está entre os 21 estados do País com alta na média de mortes por Covid-19. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 09 dez. 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/pais/ceara-esta-entre-os-21-estados-do-pais-com-alta-na-media-de-mortes-por-covid-19-1.3020670>. Acesso em: 19 dez. 2020.

CRUZ, Maria. Melo, Cristiane. **O processo migratório no Ceará**: evidências a partir da microrregião do Sertão dos Inhamuns. Geosul, Florianópolis, v. 31, n. 61, p. 201-226, jan./jun. 2016. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2016v31n61p201> . Acesso em: 15 nov. 2020.

CAMPANHA de Financiamento Coletivo do Faxina. **Apoia.se**, 2020. Disponível em:  
<https://apoia.se/faxinapodcast>. Acesso em: 3 dez. 2020.

CHAGAS, L. J. V.; MUSTAFÁ, I. P; VIANA, L.; BALACÓ, B. A. F. Cartografia da produção de podcasts universitários no contexto da pandemia. Radiofonias – **Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 03, p.06-36, set./dez.2020.

DUARTE, Manuelina. **Projeto museu da cidade de parambu**: implantação de um processo. 2008. Disponível em:  
[https://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/images/artigos/Artigo1\\_AbrMaiJun08.pdf](https://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/images/artigos/Artigo1_AbrMaiJun08.pdf). Acesso em: 15 nov. 2020.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Editora Record, Rio de Janeiro, São Paulo, 2004.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

LINDGREN, Mia. Jornalismo narrativo pessoal e podcasting. Tradução: Gustavo Ferreira. Radiofonias — **Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 112-136, jan./abr. 2020. Disponível em:  
<https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/radiofonias/article/view/4325/3400>. Acesso em: 16 set. 2020.

LIMA, Edvaldo Pereira. **JL Entrevista**: “Existe um interesse social por narrativas reais de qualidade.” Jornalismo Literário, 2013. Disponível em:  
<https://jornalismoliterarioblog.wordpress.com/2013/11/11/jl-entrevista-existe-um-interesse-social-por-narrativas-reais-de-qualidade/>. Acesso em: 3 dez. 2020.

KALUAN, Bernardo. Fala que eu te escuto: por que ouvimos cada vez mais rádios e podcasts?. **UOL**, 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/16/por-que-estamos-ouvindo-cada-vez-mais-radios-e-podcasts.htm/>. Acesso em: 17 set. 2020.

KISCHINHEVSKY, M. Richard Berry: “O Rádio está aprendendo muito com o podcasting”. Entrevista: Richard Berry. Radiofonias — **Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG , v. 11, n. 01, p. 200-204, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/radiofonias/article/view/4334/3392>. Acesso em: 17 set. 2020.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Arquipélago, Porto Alegre, 2015.

MORAES, Fabiana. **Subjetividade**: Ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. Extraprensa, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204 – 219, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247/155192>. Acesso em: 10 nov. 2020.

MORAES, Fabiana. SILVA, Marcia Veiga da. **A OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA TEM RAÇA E TEM GÊNERO**: a subjetividade como estratégia descolonizadora. Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo do XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2019. Disponível em: [https://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_5LFXYWXMOTM6JSBQBBT\\_28\\_7677\\_20\\_02\\_2019\\_17\\_55\\_17.pdf](https://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_5LFXYWXMOTM6JSBQBBT_28_7677_20_02_2019_17_55_17.pdf). Acesso em: 25 nov. 2020.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**: Da pré-produção à pós-produção. Campinas, SP: Papyrus, 2012

RAZENTE, Nestor. **Povoações Abandonadas no Brasil**. Editora UEL, Londrina, 2016.

SANTOS, Inês. SANTOS, Rosângela da Silva. **A etapa de análise no método história de vida** – uma experiência de pesquisadores de enfermagem. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 714-9. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/12.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2020.

SANTOS, Yasmin. **Letra Preta. A inserção de jornalistas negros no impresso**. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo), Escola de Comunicação - ECO - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, J. D. A. **Processo de produção de um audiodocumentário enquanto estratégia de ensino para favorecer a expressão comunicativa e a sensorialidade:** um estudo com educandos do oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em São José de Solonópole/CE. 2020. 140 f. Dissertação (Mestrado) em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, 2020.

THE Newsroom Guide to COVID-19: Taking care of one another. **New York Times**, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://covid19.ops.guide/>. Acesso em: 26 mai. 2020.

TODOROV, Tzvetan. “As categorias da narrativa literária”. In: BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa:** pesquisas semiológicas. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

VENÂNCIO, Rubens. **Superfícies imaginadas:** fotografia, ruína e eminências no sertão cearense. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LOMC-BBZQ8W/1/tese\\_rubens\\_ven\\_ncio.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LOMC-BBZQ8W/1/tese_rubens_ven_ncio.pdf) Acesso em: 10 nov. 2020.

**APÊNDICE A – Orçamento do podcast “As histórias não contadas do Cococi-CE”**

| <b>DESCRIÇÃO</b>               | <b>VALOR</b>      |
|--------------------------------|-------------------|
| <b>1ª Viagem a Cococi – CE</b> | <b>R\$80,00</b>   |
| <b>2ª Viagem a Cococi – CE</b> | <b>R\$80,00</b>   |
| <b>3ª viagem a Cococi-CE</b>   | <b>R\$ 50,00</b>  |
| <b>Identidade visual</b>       | <b>R\$ 250,00</b> |
| <b>Domínio do site</b>         | <b>100,00</b>     |
| <b>Edição dos episódios</b>    | <b>R\$300,00</b>  |
| <b>TOTAL</b>                   | <b>R\$ 860,00</b> |

**APÊNDICE B – Ficha técnica**

**Roteiro:** Jayanne Rodrigues

**Imagens:** Jayanne Rodrigues

**Edição de áudios:** Pedro Miranda

**Identidade Visual:** Ana Luisa Leandro

**Site:** Jayanne Rodrigues

**Orientação:** Prof<sup>ª</sup> Ms Teresa Leonel Costa

## APÊNDICE C – Roteiro

### Roteiro - Episódio 01

#### A sentença

[VINHETA - ABERTURA]

[[Cococi, a cidade fantasma do Ceará](#) | 00'06'' a 00'15'']

"E aí, pessoal, estamos chegando aqui na Cococi, começo, na chegada da antiga cidade fantasma do Ceará"

[[Achamos no Brasil uma cidade fantasma](#) | 01'52'' a 02'03'']

"Há mais de quarenta anos Cococi está assim, hoje não é mais cidade, é só distrito de outro município há mais de sessenta quilômetros"

[[Cococi, a cidade fantasma](#) [04'49'' a 05'05'']

"Valeu, pessoal! Aí foi mais um dos nossos vídeos e mostrando pra você como a riqueza, a imponência um dia também chega ao fim. Cococi, uma cidade fantasma. Curte, compartilha nosso vídeo."

[SOBE TRILHA TENSA]

O começo da minha história com o Cococi tem data autenticada, dia 8 de agosto de 1996. Naquele dia, meu avô Martins tinha ido resolver a primeira burocracia na vida de uma pessoa, me colocar como gente no mundo, tá lá no meu registro de nascimento: Oficial do Cartório do Registro Civil de Cococi. Desde então, carrego esse nome nos meus documentos pessoais, e sempre que me perguntavam com curiosidade sobre o lugar, eu não fazia ideia de como explicar.

Um lugar que virou cidade, e depois deixou de ser, algo bem inusitado. Era como uma história de ninar, que minha mãe contava de noite. Um conto sobre a cidade que ensaiou sumir do mapa.

[[SONORA JANAINA](#) - 00'06'' a 00'40'']

"A cidade tinha sido amaldiçoada por um padre por conta de de uma de uma da família dos Feitosa que era uma disputa entre eles. E aí, o padre havia amaldiçoado. E esse Feitosa é até ele faleceu e segundo o que o pessoal falava era que ele tinha virado uma serpente. E no túmulo dele sempre precisavam amarrar de correntes e sempre passar cimento, vigas de ferro porque estourava..."

Essa é a versão que envolve o imaginário popular sobre o abandono da cidade. Mas depois de uns anos,

percebi que as informações eram imprecisas, e o tom era espetacularizado. Chamar um local de fantasma, mesmo sendo habitado por pessoas, soava sensacionalista e excludente. A sensação é que o assunto não acabava ali, existia algo por trás. Foi nesse momento que começou a investigação.

Eu sou Jayanne Rodrigues, nascida em Tauá, no Ceará, e esse é o podcast As Histórias não contadas do Cococi.

22 de maio de 1970. O jornal mais antigo em circulação da América Latina, o Diário de Pernambuco, noticiava a alta de desemprego que atingia a população rural e a breve chuva do mês de abril. No sudoeste do estado vizinho, no Ceará, um acontecimento digno de capa de jornal passou despercebido pela imprensa nordestina:

[DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO]

"Do exposto, conclui-se: o município de COCOCI é uma ficção jurídico-administrativa. [...] Tudo nele é simulação. A maioria da Câmara, se não mesmo a sua totalidade, é constituída da Família Feitosa e, entre eles, dois sobrinhos do prefeito."

Essa ordem que você escutou foi publicada no Diário Oficial da União no dia 22 de maio de 1970. Para o Ministro relator, não havia dúvidas, Cococi era uma farsa. Ela anoiteceu como cidade, e amanheceu como distrito.

Localizada no Semiárido Brasileiro, Cococi fica no sertão do Ceará, no sudoeste do estado, a cerca de 450 quilômetros de Fortaleza. Saindo de Tauá, onde nasci, ou Parambu, que são as cidades mais próximas, é preciso encarar uns 40 quilômetros de estrada de piçarra, e só há dois jeitos: transporte próprio ou pau de arara.

[[SONORA ESTRADA](#) - INÍCIO a 00'06'']

Barulho do som da estrada

[00'34'' a 00'38'']

"Rejane, faltam quantos quilômetros pra chegar? Pra chegar lá, Jayanne? Aham. 10!"

A história sobre o surgimento do Cococi acompanha a colonização do sertão dos Inhamuns com a chegada de dois irmãos. Lourenço Alves Feitosa e Francisco Alves Feitosa saíram do interior de Pernambuco em direção ao Ceará em busca de novas terras. No ano de 1707, eles receberam 28 concessões da corte portuguesa,

conhecidas como sesmarias. Eles foram povoar, mas essas terras não estavam abandonadas.

Por lá já viviam os indígenas Jucás. Assim como em outros territórios brasileiros, os povos nativos tiveram o seu modo de vida violentamente silenciado. Mas, como diz o ditado popular, nada foi de mão beijada. Foram conflitos consecutivos e sangrentos.

Antes de continuar, é importante registrar que nesse podcast, o foco não é a história da família Feitosa. Aproveito pra replicar rapidinho uma fala da escritora nigeriana Chimamanda Adichie: "A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos..."

Portanto, vamos falar sobre os desdobramentos do Cococi e conhecer pessoas comuns que também são protagonistas dessa história, certo? Bom, voltando pro episódio.

O povoado foi fundado em meados de 1710. Cerca de 160 anos depois, pra ser mais precisa, em 28 de setembro de 1869, se tornou distrito, pertencente ao município de Arneiroz, que fica a 48 quilômetros do Cococi. É importante lembrar que naquela época, as famílias

ainda enriqueciam com os corpos negros escravizados e torturados. O censo de 1872, registrou 2.149 pessoas escravizadas em Arneiroz e São João do Príncipe, antigo nome da cidade de Tauá quando ainda era vila.

[SOBE TRILHA]

[[SONORA CAMINHADA](#) - 06'09'' a 06'25'']

SOM DOS PASSOS

Essa era a minha primeira vez no Cococi depois de muito tempo. A última tinha sido aos dois anos de idade. Rejane foi a minha guia nessa visita. Você ainda vai escutar ela por aqui. Guarde esse nome.

[[SONORA MOTOQUEIRO](#) - 01'30'' a 01'43'']

"Boa tarde, pra ir pra Cococi continua direto? Só pegar a estrada de chão e ir direto, é? Tem alguma placa indicando pra entrar... Mais adianta tem, né?"

Agora peço pra você imaginar uma estrada bem comprida, de mata fechada e com chão de terra batida. No trajeto, umas casas perdidas no caminho e um bocado de gado e bode circulando entre uma cerca e outra. O lugar é quente. A temperatura chega fácil a uns 35 graus e a sensação térmica alcança uns 40. A vegetação é típica da caatinga, faveleira, palma,

cactos e pés de juazeiro se camuflam na cor cinza numa tentativa de reter água durante o período de estiagem.

Um pouquinho antes do início da sede do Cococi, tem uma curva, essa estrada dá acesso ao campo santo do local, o cemitério. Eu e Rejane decidimos fazer uma parada.

[[SONORA CEMITÉRIO](#) - 01'21'' a 01'32'']

"O portão do cemitério fica aberto? Não é pra ficar não, Jayanne"

O local é rodeado por um muro de alvenaria de mais ou menos, um metro e meio. É pintado de branco e tem um portão pequeno de grade. Ironicamente, parece ser o local mais povoado do Cococi. Minha avó paterna está enterrada lá. Mas só consegui identificar a sepultura tempos depois, porque estava sem o nome dela.

[[SONORA C EMITÉRIO](#) - 02'28'' a 02'31'']

"Como é o nome, quem é que você disse seu que tava enterrado aqui? Aurení."

Enquanto procurava o túmulo da minha avó, Rejane me chamou. Ela queria me mostrar algo...

[[SONORA CEMITÉRIO](#) - 04'00'' a 04'17'']

"Aqui era uma casinha igual aquela ali ó, como se fosse uma capelinha. Exatamente. Aí tinha o o tumuluzinho dentro, só que toda vida que o que fechava ela papocava em cima."

Finalmente, estava conhecendo pessoalmente a história que minha mãe contava. Você também escutou ela no começo desse episódio.

[[SONORA CEMITÉRIO](#) - 04'17'' a 04'47'']

"Aí eles fizeram isso aqui ó... De mármore. Sim. Aí ~~tinha~~ tinha um crucifícozinho desses daqui ó. Aqui em cima. Hum. Só que quebrou. E você tá vendo também não, tá quebrada também? Não. Tá, já tá coberta com outra coisa. Aqui no canto ó. ~~Então não tem jeito,~~ sempre quebra. Parece. Eu não sei se é alguém que quebra, mas segundo lendas não é..."

Rejane tentou falar algo lógico, do mundo real, apesar de não ter um fato que comprove essa informação. Mas ninguém estava perdendo com isso. Às vezes ter uma explicação racional espanta o medo. Até porque já estava anoitecendo, e mesmo que eu não acredite na história. Bom, nunca se sabe..

[[SAÍDA CEMITÉRIO](#) - 01'22'' a 01'30'']

"Bora, né?"

Ah, mas se você não quiser fazer uma visita ao cemitério, basta seguir direto.

[[SONORA MOTOQUEIRO](#) - início a 00'14'']

"Finalmente chegamos na entrada, ~~vamos em direção agora à Cococi~~"

Agora você enxerga um trecho levemente curvado, ali está uma pequena estrutura. Ao se aproximar, dá pra visualizar, com muito esforço, o nome 'Posto Policial'. Mais alguns passos, e você está na vila do Cococi. Do lado esquerdo, a escola Eufrásio Alves Feitosa, de cor verde apagada, reformada há mais de 20 anos. O espaço tem duas salas, dois banheiros e uma cantina.

Ao lado do colégio, uma construção inacabada, ainda por fazer a pintura e a cobertura. Foi feita para acolher os visitantes na época da festa da padroeira que é realizada todos os anos no mês de novembro e dezembro. Mas agora está paralisada por falta de recursos.

Em seguida, a igreja, de estilo neocolonial construída em 1740, ainda intacta. A cerca de 5

metros da capela, a casa em que Nilda vive, uma das únicas moradoras da região. No passado, o espaço era o cartório da cidade. Hoje, é como se fosse o ponto de apoio pra quem visita Cococi, pessoas curiosas em conhecer o que restou do local que um dia foi cidade.

A residência vizinha a de Nilda é o casarão do Major Feitosa, onde também funcionava a prefeitura. Hoje, apenas a fachada e algumas paredes persistem em pé, mas não ilesas do abandono.

No centro do que podemos chamar de vilarejo, os resquícios de uma praça, agora sem bancos e visitantes. Em um dos lados resta apenas uma casa razoavelmente habitável, onde moram Ana e Antônio. No mais, apenas fachadas do hotel, da padaria, da bodega e até de um clube de festa, que deve ter testemunhado flertes e muito movimento..

[[SONORA RUA](#) - 00'14'' a 00'25'']

"Segundo algumas pessoas disse que aqui era o local que fazia festa, o galo e a galinha. Como assim? Um frequentava homens, e outro frequentava as mulheres..."

Dá pra perceber que esses imóveis, eram de alvenaria, mas depois de tantos anos sem manutenção, são sobras de paredes e tijolos. Respirando por aparelhos,

somente duas casas estão em pé, a de Nilda, e a de Ana e Seu Antônio.

Cococi é uma palavra de origem indígena, em tradução livre "lugar perto d'água". A escolha do nome não foi por acaso, está localizada às margens do rio Jucá. Do alto da igreja do distrito, você consegue ter essa visão:

[[SONORA RIO](#) - 02'10'' a 02'27'']

"Tem o rio ali. O rio Jucá? É. Tá aí. ~~Cadê Rejane que eu não tô vendo?~~ Tá vendo esses verdes aí? Ram. é, tá vendo aquela parte? Venha pra esse lado aqui. Tá vendo aquela parte que tem tipo um limpo? Sim. Bem ali você já desce pro rio."

Rejane estava apontando para o Jucá que fica logo abaixo do morro. Dava pra ver a margem verde do rio, mas era período de estiagem, então foi fácil avistar o início e o fim das águas.

Estar localizado à beira do rio trazia segurança para os moradores. Na virada do século XIX para o XX, os cearenses enfrentaram três grandes secas, e pra piorar a falta de políticas públicas dificultava o acesso à água. Em muitas regiões, o estado criou campos de concentração pra confinar aqueles que

sentiam fome e sede. É isso mesmo que você ouviu: campo de concentração. Mas isso é papo pra outro podcast.

Ok, antes eu disse que em 1869 Cococi se tornou distrito. Agora pule para o ano de 1957, ou seja, 88 anos depois, no dia 24 de outubro, Cococi se torna município. Mas o motivo dessa mudança ainda é confuso.

[[SONORA NESTOR](#) - 23'18'' a 23'31'']

"O que eu não consegui descobrir é como que uma reunião de pessoas numa fazenda se transforma em município."

Essa dúvida é do Nestor Razente. Ele investigou o desaparecimento gradual do Cococi no livro Povoações Abandonadas do Brasil, publicado em 2017. O que ele disse faz muito sentido. Como um aglomerado de fazendas da família Feitosa vira município? Mas calma, a gente vai entender.

[[SONORA PAULO CESÁR](#) - 17'58'' a 18'08'']

"Todos os municípios, pequenos municípios da nossa região eles são oriundos de formação de fazendas ~~que são~~—que foram concedidas sesmarias por sesmeiros".

[16'48'' a 17'15'']

"Quando nós falamos de Cococi a nível de município, nós não estamos falando da fazenda Cococi, nós estamos falando de um pedaço de terra que abrange toda ali a parte ~~que que vai~~ beirando Parambu e chega até lá na Serra Grande contorna por trás, e contorna toda a serra e vem ~~e vem~~ próximo de Tauá e contorna chegando a Parambu. Então, a gente está falando de uma área geográfica muito grande, né?"

Você escutou o historiador Paulo César. É dele a autoria do livro mais recente sobre a história do Cococi, lançado em 2021. Se você que me ouve não é do Ceará, talvez não conheça essas cidades que ele citou. O Cococi tem uma extensão territorial de 30 mil quilômetros quadrados. Quase do tamanho de países como a Bélgica e o Haiti. Ficou mais fácil?

[[SONORA PAULO CESÁR](#) - 18'21'' a 18'48'']

"O que ~~me-me~~ surpreendeu dentro dessa pesquisa é descobrir que na verdade nunca foi, por exemplo, um ~~um um~~ perímetro ~~pub~~, público, urbano. Ou seja, ~~que~~ ~~que~~ as terras pertencesse ~~é a~~ ao estado, o município em si. Era terra, propriedade privada, mas ~~que~~ ~~que~~ foi elevada à categoria de município. Então,

tinha aquele é é aquela relação público-privada muito direta, né?"

Lembra daquela estrada em ruínas que eu descrevi no início do bloco? Era apenas a sede do município. A população estava distribuída em várias comunidades em toda essa área. Mas onde essa informação se conecta com a municipalização do Cococi? Há uma suspeita...

[[SONORA PAULO CÉSAR](#) - 16'35'' a 16'40'']

"Pode ser que uma das hipóteses seja o caso do quantitativo de moradores na região."

Segundo dados do Censo de 1960, a cidade tinha 653 domicílios, sendo 182 habitações próprias. Outro dado revela a desigualdade social do período. Apenas 12 residências possuíam acesso à água, que poderia ser um poço ou nascente. Ao todo, 3819 pessoas viviam na área correspondente ao Cococi.

[[SONORA PAULO CÉSAR](#) - 43'25'' a 43'30'']

"Nesse último período aí que chega no declínio e se acaba com a Cococi há um jogo político muito forte ne Cococi."

O historiador Paulo César está falando da disputa por poder entre os Feitosas. Funcionava nos moldes do coronelismo. Ao todo, a população elegeu três prefeitos: Lourenço Alves Feitosa, em 1959. Leandro Custódio de Oliveira e Castro, em 1963.

[[SONORA REPORTAGEM JANGADEIRO](#) - 01'29'' a 02'03'']

"Leandro governou Cococi nos tempos áureos, é o único ex-prefeito vivo. Qual foi a época que o senhor governou por lá? 64 e 67. Era bom morar lá? Era bom. E Cococi era uma cidade rica? É. Era de gado e propriedade grande. E agora tudo ficou aonde? Ficou lá. Ficou na lembrança."

Esse é um dos únicos arquivos públicos disponíveis em que a voz de um dos ex-prefeitos se materializa, foi gravado há mais de dez anos. Leandro faleceu em 2012 e está enterrado no cemitério do Cococi.

Voltando a disputa eleitoral. No derradeiro pleito, foi a vez de Eufrásio Alves Feitosa, conhecido como Major Feitosa, no ano de 1967. Ele pertencia a ARENA,

partido criado em 1965 pra ser base da ditadura militar.

[[SONORA NESTOR](#) - 29'28'' a 29'46'']

"Arena significa governo, significa, é o braço político do militarismo. E no entanto ele não consegue fazer retroceder essa condição".

A última eleição do Cococi, em 1966, teve um diferencial que chama atenção: apenas 378 votos, 1 branco e 7 nulos pra uma população com aproximadamente 2 mil eleitores. A conta não fechava.

[[SONORA PAULO CÉSAR](#) - 44'49' a 44'59'']

"Porque já nesse período havia um movimento político ~~ne~~-que fez com que grande parte do eleitorado transferisse seu título para Parambu, entendeu?"

A partir daí, as coisas foram se definindo.

[[SONORA PAULO CÉSAR](#) - 45'44'' a 46'08'' ]

"As pessoas se sentiram ~~des~~-desmotivadas, outros talvez já não queria mais morar no Cococi, outros pra Cococi já não tinham mais interesse. É, outros, ~~tipo,~~ eu eu tenho prestígio, poder, dinheiro, minhas terras ficam aqui, mas eu vou pra outro lugar, chega de ficar por aqui, sabe? ~~Acho que tudo isso, todo tudo~~

isso somado culminou no abandono do Cococi, fato é que foram todo mundo embora e largaram Cococi pra lá..”

Foram cerca de 12 anos sendo cidade.

### **[SOBE TRILHA]**

Seu Luís Quililiu era um dos moradores do Cococi. Caso você tenha um fone de ouvido, te peço pra usar especialmente agora. Porque, infelizmente, a qualidade do áudio está baixa.

[[SONORA LUÍS QUILILI](#) - 37'51'' a 37'58'']

“Cococi foi se acabando, rapaz, foi ligeiro. Foi ligeiro? Foi ligeiro... Foi se acabando, o povo indo simhora”

Esse é o trecho que consegui salvar da entrevista. Seu Luís é uma figura importante nessa história. Viveu várias fases do Cococi. Essa breve fala dele revela o período de derrocada do município que teve o estopim em 1970, quando foi rebaixado a distrito.

Eu conversei com Seu Luís Quililiu uma única vez, em meados de janeiro de 2021. Meses depois recebi a notícia do seu falecimento.

Ele viveu 85 anos. Foi vaqueiro, agricultor e confeccionava malas de couro para a elite da região. Sua companheira de vida era Laura. Juntos, criaram os nove filhos. Seu Luís fazia longas viagens partindo do Cococi, e foram justamente essas horas prolongadas, montado em um cavalo que comprometeu sua coluna durante a velhice.

Mas pra ele, essa marca representava os anos que se dedicou ao trabalho. Era conhecido pela memória aguçada. Respondia com rapidez qualquer pergunta relacionada ao passado.

Seus últimos dias de vida foram no Juá, comunidade que integra a extensão territorial do Cococi. Uma de suas netas herdou dele o dom de contar histórias, é Rejane, lembra desse nome?

[[SONORA REJANE](#) - 34'36'' a 34'38'']

"Deixou um legado muito grande."

[35'02'' a 35'45']

"Porque sempre morou nessa região do Cococi, na verdade, ele nasceu e se criou muito próximo do Cococi. ~~O que ele o que ele eu acho que o lugar que~~

ele morou mais longe ~~de da da~~ sede do Cococi, da vila do Cococi, como queira chamar, da comunidade, da cidade de Cococi, foi no Juá que eu acho que dá o quê? Uns dezoito quilômetros. Então ele sempre morou nas proximidades, né. Tudo dele ~~é muito era muito~~ ligado àquela comunidade, ~~então vivenciou muitas coisas.~~ Momentos bons, momentos ruins, mas vivenciou muita coisa, né?"

**[SOBE TRILHA]**

[SOM DO AMANHECER/ galo cantando]

A sede do município do Cococi foi pra seara do esquecimento. Em paralelo, as comunidades que integram a área territorial se desenvolveram e criaram suas próprias particularidades.

Mundo Novo é uma delas. É um assentamento da reforma agrária que foi desabitado em 1988, fica a oito quilômetros da vila do Cococi. Hoje, são 32 famílias assentadas.

[SONORA REJANE - 01'08'' a 01'22'']

"Aí no início do assentamento a gente não morava aqui, veio os outros tios nosso, meu, morar aqui, só que aí nós só viemos pra cá depois que pai faleceu."

Que como a gente morava aqui era distante aí nós viemos pra cá pra ficar mais próximo do restante da família.”

[[SONORA SOCORRO](#) - 00'06'' a 00'27'']

“Esses pé de manga sabe de quem era, Jayanne? Não. Pois era do finado Major. Major Feitosa isso aqui era dele. Isso aqui tudo era dele. Até aqui onde? Até aqui, o açude do Mundo Novo, essas mangueiras era era do do pessoal do Major Feitosa. Tem até, mãe, o lugar que era as casa, só tem a marca, não tem mais a casa.

Socorro é uma dos nove filhos de Seu Luís Quililiu. Ela estava contando a história de um pé de manga centenário do Mundo Novo. Ela e os quatro filhos, Jane, Taércio, Natanael e Rejane vieram morar no assentamento no início dos anos 2000. Essa outra voz que você escuta ao fundo é de Jane.

[00'34'' a 00'44'']

“Mãe, no dia que Antenor passou naquela casinha que nós morava de João Pedro. Ram. Aí ele mostrou onde era a outra casinha. Sim. E ele morava aqui na época eles andava pra cá, né, também.

Socorro decidiu se mudar pra Mundo Novo depois da morte do marido. Ele foi assassinado no final da década de 90 na sede do Cococi. Com quatro filhos pra criar sozinha, ela se virou em mil e fez o que pôde. Hoje, cada filho mora em terrenos vizinhos ao dela. Quer dizer, menos Rejane que mora em Tauá.

Eles vivem da agricultura familiar, criam gado, galinha, bode e porco.

**[SOBE TRILHA]**

[[CACHOEIRA COM MARIA E JOSÉ](#) - 00'54'' A 01'11'']

[[SONORA JOSÉ E LOHANNY](#) - Início a 00'26'']

"O que que vocês mais gostam no Mundo Novo? ~~Quem vai falar primeiro? Hummm. Vai.~~ Eu gosto de brincar, jogar bola, tomar banho na caixa, t ambor e só. E aqui na casa de sua vó Socorro? É... tomar banho na caixas, ajeitar o bicho, brincar muito mais a Laura, andar na motinha e matar passarinho..."

[04'18'' a 04'25'']

"Oi, meu nome é José Rodolfo Pereira de Castro, eu moro no Mundo Novo. E tem quantos anos? 6! Ê!"

Ah, e a irmã do Rodolfo.

[04'12'' a 04'17'']

"Olá, meu Lohanny, eu moro no Mundo Novo e tenho nove anos."

[03'41'' 03'59'']

"E se vocês tivessem que apresentar o Mundo Novo pra alguém, a pessoa não conhece. Como é que cês iam falar que é o Mundo Novo? Mundo Novo é uma cidade legal, que mora muita gente e também que tem muita água".

[01'26'' a 01'40'']

"Eu gosto de brincar, gosto de ver os passarinhos [~~alguma palavra não compreendida~~], gosto de ir na cachoeira, tomar banho na caixa. Ah!—Gosto de um monte de coisa"

[02'59'' a 03'11'']

"E se falassem pra vocês que cês iam ter que ir embora do Mundo Novo? Lohanny não ia não, eu não ia não."

A sede do Cococi está desaparecendo, mas a memória das pessoas que reinventam e constroem novas relações com esses espaços parecem ser o único lugar onde essa história permanece.

**[VINHETA DE ENCERRAMENTO]**

No próximo episódio do podcast As Histórias Não Contadas do Cococi, você vai conhecer a vida de uma mulher e um lugar.

Essa produção é resultado do trabalho de conclusão de curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, campus Juazeiro. Eu sou Jayanne Rodrigues. Faço o roteiro e a produção deste trabalho. Edição e mixagem de Pedro Miranda e orientação da professora, Teresa Leonel.

**Roteiro - Episódio 02**

**Nilda e a casa**

**[VINHETA DE ABERTURA]**

Esse é o segundo episódio do podcast As Histórias não Contadas do Cococi. Eu sou Jayanne Rodrigues. E agora você vai conhecer a história de vida de Nilda, uma das únicas moradoras da vila do Cococi.

[[LIGAÇÃO](#) - 01'33'' a 01'55'']

"Oi, Nilda, bom dia! Como é que cê tá? Aqui é Jayanne, acho que cê não vai lembrar muito de mim não. A gente se conheceu no começo do ano, Rejane me levou aí... Ah, pronto, sua memória é muito boa!"

Visitei Nilda uns 10 meses antes desse telefonema. Culpa da pandemia ter demorado tanto pra gente se encontrar de novo. Mas desliguei a chamada satisfeita, combinamos de tomar um café na casa dela um dia depois dessa ligação, era novembro, véspera do dia dos finados. Eu só não sabia que muitas atribulações tinham acontecido nesse intervalo de tempo.

[[Sonora Rejane na casa de Nilda](#) - 06'33'' a 06'45'']

"Nilda? Boa tarde!—Aqui é grande, né? Aqui é, é uma casa medonha. Se sente, mulher. Essa moça quer conversar um pouquinho com você..."

Nilda é quase da minha altura, deve ter um metro e sessenta, por aí. Quando cheguei em sua casa, ela usava um vestido preto e solto, os cabelos escuros

recém tingidos ainda deixavam escapar os fios brancos. Esse detalhe era o motivo dela esbravejar a inexperiência da sobrinha em pintar cabelos. Depois desse desabafo, Nilda me convidou pra sentar varanda. O dia estava quente, e o céu anunciava que tinha chuva chegando.

### [SOM DO RÁDIO]

[SONORA NILDA - GRAVAÇÃO 17 | 12'55'' a 13'15'' ]

"De primeira eu gostava de dançar, tá com mais de 12 anos que eu não danço. É promessa, Nilda? É não, mais nunca. Mais nunca eu dancei. ~~Não tá só com 12 ano~~ não, tá é com mais. ~~Nem danço, nem vou festa,~~ só aqui no Cococi, tem as festas que eu tô, tem forró aí nas barracas, sempre fazia forró aí..."

Esse assunto sobre dança surgiu do nada no meio da conversa. Mas essa revelação feita por Nilda é bem importante, dá pra compreender um pouco o atual momento da vida dela.

Uma coisa é certa: Nilda sempre tentou preservar sua história pessoal. Te digo isso porque ela já deu muita entrevista por aí, mas a conversa se limitava apenas ao fato dela ser uma das únicas pessoas que vive na sede do Cococi. Escuta só:

[[SONORA ENTREVISTA](#) - 01'27'' a 01'32'']

"Estamos aqui ao lado de Dona Clemilda, ela que é uma das duas famílias que moram aqui.

[[SONORA RECORD](#) - 07'25'' a 07'31'']

"Tudo bom, Dona Clemilda? Vou sentar aqui pra conversar com a senhora. É verdade que a senhora mora sozinha aqui?"

[[08'31'' a 08'38''](#)]

"O que que a senhora Dona Clemilda, sente mais falta? Muita gente que eu conhecia já não convive mais no mei da gente, né, já se foi.

Mas escutar ela de perto e sem pressa ganhou outro sentido.

A história de Nilda começa bem antes dos olhares que a observam como uma atração exótica do Cococi. Ela nasceu na comunidade Serra de Dentro. Morou por lá até os cinco anos de idade, com as duas irmãs, quando seus pais decidiram ir embora para Cococi, que ficava a quatro quilômetros de distância.

Naquele momento, ela sofreu a primeira ruptura. A irmã caçula, ficou para trás, aos cuidados do avô.

Pois era muito pequena e ainda não ficava sozinha na garupa de um cavalo, principal meio de transporte da época.

[[Sonora Nilda](#) - 01'47'' a 01'51'']

"Quando a gente é criança a gente lembra mais das coisas do que depois de ficar adulto, né?"

Da infância no Cococi, as memórias ainda são latentes.

[[SONORA CRIANÇAS JOGANDO](#) - 00'18'' a 00'39'']

"Ó, ele é corinthians..."

[[SONORA NILDA](#) - 02'16'' a 02'49'']

"Só tenho lembranças, coisas boas, acredita? Pois me conte! ~~Tinha parque pra gente brincar. Tudo era mais fácil na época. Tinha muita criança pra gente brincar. A escola era bem, como é que se diz? Bem equipada, muito aluno, as professora era eu mesma estudava com duas professoras, professoras boa.~~

[[NILDA NA ESCOLA](#) - 03'18'' a 03'24'']

"E quando eu me entendi no mundo aqui em Cococi esse colégio já era assim, eu estudei aqui com cinco ano e ele já era desse jeito"

[[SONORA NILDA](#) - 02'43'' a 02'49'']

Tudo que você queria aqui tinha pra você comprar, tinha padaria, tinha bodega pra você comprar alguma coisa que você quisesse."

A mãe, dona de casa. O pai, vaqueiro. Ele trabalhava para o Major Feitosa, assim como o avô de Nilda. Nascer e morrer vaqueiro era quase uma religião, um modo de vida. Assim como muitos, prestar serviço para os Feitosas era, praticamente, um dos únicos meios para garantir a sobrevivência. Já que a família monopolizava não só a riqueza, mas também a oferta de empregos na região.

Cococi era passagem e morada temporária para a família de Nilda. Essas instabilidades da vida traziam a sensação de impermanência. Não demorou pra acontecer outras mudanças, primeiro foram embora pra Caraíbas, depois Oiti, duas comunidades rurais próximas do Cococi.

A vida se encaminhou, ela voltou a morar com as duas irmãs. E aos 19 anos de idade, Nilda decidiu dar um novo passo: casar.

[[SONORA NILDA](#) - 05'49'' a 05'53'']

"E lá nas Caraíbas eu fiz meus três filhos, lá nas Caraíbas"

Após seis meses do casamento, Jean, seu primeiro filho, nasceu. Depois, Jaiane, minha xará. E em seguida, o caçula, Emanuel. O companheiro de Nilda, Laércio, trabalhava na roça como agricultor e também fazia cerca em propriedades. A demanda da casa e os cuidados com os filhos eram por conta dela.

[[SONORA NILDA](#) - 07'10'' a 07'20'']

"A gente quando casa tem dias que é feliz, mas tem dias que não é não. Que a gente às vezes casa com a pessoa, a pessoa gosta de farra, né, de andar, de festa, ~~deix~~-deixar a gente com as criança, né?"

Nilda e Laércio estavam casados há 11 anos, quando um acontecimento mudou repentinamente a vida da família.

[[SONORA NILDA](#) - 06'46'' a 06'53'']

"Quando foi em dezembro de 2001 ele mesmo resolveu tirar a vida dele, aí fiquei com três filho..."

O suicídio de Laércio foi um baque. Nilda se tornou viúva precocemente por imposição infeliz do destino. Ser mãe solo também não era tarefa fácil, as decisões

tomadas dali pra frente precisavam garantir a sobrevivência dela e dos três filhos. A coisa certa naquele momento era voltar pro lugar que nasceu, Serra de Dentro.

[[SONORA NILDA](#) - 08'55'' a 09'01'']

"Passei uns tempo em casa sem sair, aí depois meu pai mesmo me aconselhou pra mim sair, pra mim me divertir..."

Esse empurrãozinho do pai funcionou. Nilda retomou o fôlego e seguiu. Mas aquelas mudanças que fizeram parte da sua infância e adolescência ressurgiram.

[[SONORA NILDA](#) - 14'57'' a 15'24'']

"Depois que você possuir uma casa pra você mesmo pra você voltar a morar dentro de casa com a família novamente não é muito fácil e com filho... Eu tinha meus três filho pequeno, aí aquela coisa, o pai tinha falecido, eu não queria que ninguém dissesse nada, era aquela coisa, nem bater neles eu batia que eu não gostava, tinha pena deles. Aí achava bom porque na casa da gente você faz o que você quer, o tempo e a hora que você quiser..."

Anos depois de chegar em Serra de Dentro, decidiu novamente se mudar para Cococi. Ter um espaço só para

os filhos era sinônimo de segurança pra Nilda. Ela e os três filhos foram os últimos moradores do casarão do Major Feitosa. Hoje a casa é inabitável, a maioria das paredes já foi ao chão.

Mas não demorou pra família fazer as malas novamente. Foram idas e vindas entre comunidades vizinhas.

[[SONORA NILDA](#) - 09'18'' a 09'26'']

"Eu não gosto assim de sair de perto de minha família pra mim ir pra outro lugar, não gosto não. Já sou muito acostumada por aqui. Aí pra mim se eu sair acho que não me dou, sei lá."

A vida tornou a ser generosa com Nilda. Ela conseguiu um emprego estável como auxiliar de serviço geral na única escola do Cococi. Pela primeira vez, depois de anos, ela sentiu algo parecido com liberdade. Só que o trabalho exigia que ela pegasse a estrada todos os dias. Esse obstáculo motivou o retorno dela ao Cococi.

Foi a última mudança que fez. Nilda mora há 12 anos na mesma casa, onde antes funcionava o cartório do Cococi.

[[SONORA NILDA 1ª VISITA](#) - 09'18'' a 09'21'']

"Eu sou moradora por acaso, vivo aqui às minhas custas e as de Deus. ~~É. Que eu more aqui nessa, tá aí a casa já pra cair os pedaços...~~"

A casa fica logo na entrada do distrito, ao lado da igreja. É o lugar de referência pra qualquer pessoa que visita o Cococi. A estrutura alta, pode ser vista de ponta a ponta. A fachada tem uma porta que dá acesso à sala. E ao lado tem uma varanda, com um portão pequeno enferrujado, com vista privilegiada para as estruturas em ruínas. Na lateral, mais duas janelas e uma porta com passagem para cozinha.

A residência chama atenção não só pelo tom amarelado desbotado pela chuva e o sol, mas também por ser uma das únicas que mantém o lado de dentro em pé, apesar de respirar os efeitos colaterais do tempo.

[11'19'' a 11'23'']

"Aí é assim. Vai caindo aos poucos porque eu não posso estar comprando nada pra, né?"

[11'34'' a 11'45'']

Agora só tem uma coisa: se chegar a cair essa casa rea, pronto! ~~aí fica sé,~~ só fica mesmo Dona Ana e pronto. ~~Se aea,~~ eu não vou dizer que eu ir embora

daqui se acaba não, mas também fica muito bom mais não..."

Ela compartilha os quase 20 cômodos com o neto Laércio, de 10 anos, filho de Jaiane, a filha do meio.

Ao longo de 12 anos, Nilda reconstruiu a história da casa. Na sala, retratos da família e imagens de santos. As paredes documentam algo especial: rabiscos ensaiando o rosto de Jesus, corações pintados de esmalte, nomes de amigos, ex-crushes e ídolos dos filhos. Uns móveis mais novos ali, outros mais antigos. E na área da cozinha uma toalha do Ben 10 estendida na parede esconde as bravas rachaduras. O que antes reunia papéis de nascimento, casamentos e procurações. Agora, tem uma nova identidade.

[[SONORA NILDA](#) - 50'56'' a 51'01''] (deixar a risadinha dela depois que diz "casona")

"Cê me mostra a casa, Nilda? Bora, mulher, olhar essa casona"

[[SONORA NILDA](#) - 00'26'' a 02'30'']

"Meu quarto é esse outro ali que eu durmo. Aqui é você é, Nilda? É no seu casamento? É no meu

casamento. É, antigo, cabelo todo revirado, bem novinha. Aqui é o quarto, aqui é a cama que eu durmo, aqui é a de Laércio. Ahhh. Aí vou mandar Jean ajeitar isso aí. Porque aí foi o reboco que caiu. Aí tem esse belo telefone rural aqui que não pega internet. Pega sim por acaso, essas internet que Taércio tava botando, né, mas eu tô achando caro, já disse pra ele. Aí aqui é uma sala, que é uma sala grande, né? É. Aqui uma areazinha, aqui outro quarto, tá aí um horror de roupa suja se você quiser vir lavar amanhã, venha. Ixe, deixa pra próxima.

Pois é, morar em uma povoação abandonada nada tem a ver em ter visões paranormais. O cotidiano de Nilda é mais próximo do nosso do que a gente imagina.

Aqui é a cozinha do carvão, tá aqui a cozinha, o fogão de lenha. Ó, Jayanne, o fogão de lenha, tá aí as panelas. É grande. Mas também quente hein, Nilda? É. E a outra cozinha fogão a gás aí.

Aí cê costuma fazer no fogão a gás ou no a lenha? No de lenha, muié, porque o fogão a gás tá caro demais. Muito! Quanto é que tá aqui, Nilda? Mulher, acho que tá 100 e... Eu troco no parambu acho que tá bem de 140, homem. Tava de cento e vinte. Aqui é um banheiro antigo, tá cheio de bagaceiro aí que eu vou limpar ainda. E aqui tem outro banheiro, tem outro banheiro vei aqui. Banheiro vei não, o povo quando vem, fica aqui, vem pra cá. é o certo, né? É. tinha tinha uma caixa, tinha tudo, aí tinha aquela caixa daqui, eu fui e tirei, porque não prestava mais, tava toda, né. Mas quando eles vem, todo mundo toma banho aqui, é o jeito, não tem outro lugar, né? Muito grande aqui, é grande demais. eu gosto de varrer os terreiro, vou

aqui arrumar, ~~tudo limpinho~~, mas dá trabalho, hein, Nilda, limpar uma casa desse tamanho. Quando eu tô com coragem e agora carregando água pra beber do Oiti, mais longe ainda...

O local já teve outros moradores, Seu Luís Quililiu foi um deles, conto a história dele no primeiro episódio. A propriedade é herança familiar, hoje pertence aos filhos de Maria do Socorro Paiva Feitosa, ex-dona do cartório do Cococi. Mas o estado agonizante da casa parece ter caído no esquecimento.

[[SONORA NILDA](#) - 00'59'' a 01'13'']

"Jayanne, é triste você ver que nem eu vi aqui no Cococi, aqui tudo tinha casa tanta gente que tinha, minhas avó, meus tio tudo morando por aqui. Hoje tudo acabado, é triste, acabou-se, acabou-se, se acabando"

[SOBE TRILHA]

Pra ela, a vida seguiu relativamente tranquila. Mas vieram algumas saudades, os filhos cresceram e ganharam o mundo. Jaiane foi embora pra Minas Gerais, Jean se casou e foi construir a família em uma comunidade perto do Cococi. Ficou Emanuel, filho caçula e o neto Laércio.

O destino se encarregou de trazer boas surpresas. Trabalhando há mais de 20 anos na escola Eufrásio Alves Feitosa, Nilda também encontrou um novo amor. Apesar das adversidades, ela estava feliz. Até que algo inesperado atravessou a sua vida.

Era uma terça-feira, 1º de junho de 2021, quando chegou a notícia que nenhuma mãe está preparada para receber. Emanuel, filho de Nilda, havia sofrido um acidente grave no local de trabalho. Nilda nunca tinha sentido uma dor daquele tamanho.

Emanuel foi transferido pra um hospital público de Fortaleza. O tempo passava, e Nilda precisava ser rápida pra ir o quanto antes acompanhar a recuperação do filho. Ela recebeu a ajuda de amigos para custear os gastos da viagem, mais de sete horas na estrada. Ela conseguiu ver Emanuel no hospital, mas após uns dias ele não resistiu.

### **[SOBE TRILHA]**

Emanuel faleceu aos 24 anos.

[[NILDA](#) - 12'04'' a 12'17'']

"Ele era uma pessoa alegre, ele gostava de cantar, ele ele gostava de festa, os meninos gravavam vídeo dele cantando, ele gostava de bater zabumba, triângulo, pandeiro, esses negócio aí tudo ele gostava. E era animado, gostava de cantar em oração, vejo uma música no rádio, eu acho vê ele..."

[[SONORA ZÉ VAQUEIRO](#) - 00'10'' a 00'40'']

"Fica comigo, meu mel. Tire o adeus das mãos. Não me entregue à solidão. Meu mel, porque. Eu preciso de você..."

O fato de seguir sem Emanuel atormenta Nilda. Ela tenta, aos poucos, celebrar a vida dele. Daqui pra frente, comemorar datas especiais sem o filho vai ser uma descoberta doída. Pela primeira vez, ela vai participar da novena do Cococi sem a presença de Emanuel.

[[NILDA](#) - 30'06'' a 30'19'']

"Aí agora ~~vou~~ vai ser outra batalha porque se for ter as festas esse ano já vou ficar triste de novo com a falta do meu filho, né? Porque se foi e não volta mais. Mas eu acredito que Deus vai me ajudar e ficar do jeito que é..."

Na última vez que entrevistei Nilda, completava cinco meses da partida de Emanuel. Dali a uns dias, foi o primeiro aniversário dela, depois de 24 anos, sem os parabéns do filho caçula.

[[SONORA NILDA](#) - 43'34'' a 43'48'']

"Emanuel disse: 'mãe, quando a senhora fizer os cinquenta anos eu vou comprar o bolo pra senhora'. Eu digo: tá bom. Aí ele faleceu, aí eu fico dizendo: meu Deus, ~~será se tem~~ será se nós compra um meno um bolo do meu aniversário de cinquenta ano? Não tem nada. Ele vai ficar alegre por isso".

Eu perguntei se ela ainda tinha algum sonho. Senti que ali resistia timidamente muita esperança.

[[SONORA NILDA](#) - 31'02'' a 31'19'']

"Eu tenho um desejo na vida de um dia possuir minha casa, minha casa mesmo, porque eu ainda não fiz porque não posso. E e tem assim um desejo de de melhorar as coisas e um dia eu ser alguma coisa na vida. E cê acha que você não é agora não? Não. Por quê? Porque não, acho que ainda tá faltando um bocado de coisa..."

A existência de Nilda não é resumida pela história do Cococi. Ser uma das únicas moradoras de lá é apenas um capítulo desses 50 anos de atravessamento.

[[35'44'' a 35'55''](#)]

"Olha, o Laércio, ele tem dez ano. E ele disse que o desejo dele é de ser policial ou trabalhar e 'eu vou trabalhar no Corpo de Bombeiro'. Sabe pra quê? Pra comprar uma casa pra mim. Quem sabe se o sonho dele não vai se realizar?"

Esse episódio é dedicado à memória de Emanuel Lô.

[TRILHA - [MEL ZÉ VAQUEIRO](#) | 01'58'' a 02'25'']

"Meu mel, não diga adeus. Eu tenho tanto medo. De ficar sem o seu amor. E pra sempre. ser um ser só..."

#### **[VINHETA DE ENCERRAMENTO]**

No próximo e último episódio, você vai conhecer a potência da fé na vida dos devotos de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Cococi.

Essa produção é resultado do trabalho de conclusão de curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, campus Juazeiro. Eu sou Jayanne

Rodrigues. Faço o roteiro e a produção deste trabalho. Edição e mixagem de Pedro Miranda e orientação da professora, Teresa Leonel.

**Roteiro - Episódio 03**

**Quem volta**

[[SONORA MOTOQUEIRO](#) - 00'05'' a 00'11'']

"A gente vê que deve ter alguma romaria pra cá, Cococi eu sei que tem uma romaria anual, no mês de novembro"

[[ÁUDIO PROCISSÃO](#)] INÍCIO a 00'20''

Às cinco da tarde, os fiéis se movimentam fervorosamente. As badaladas do sino da igreja e as preces adormecidas por um ano agora são faladas. 29 de novembro, primeiro dia da novena do Cococi, festa religiosa dedicada a Nossa Senhora Imaculada da Conceição.

[[ÁUDIO PROCISSÃO](#)] 02'00 a 02'09''

Quem tem pouca crença não aguenta a peleja do sol. Mas a devoção popular resiste até mesmo aos efeitos do calor e da terra quente.

### **[SOBE TRILHA]**

Em 2021, foi comemorado 273 anos da primeira missa realizada na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, que fica na sede do Cococi. Mas não existe um registro sobre a data exata que confirma a primeira novena. O certo é que assim como Padre Cícero, santo mais

conhecido do Ceará, Nossa Senhora Imaculada da Conceição também está presente na vida de milhares de pessoas.

Eu sou Jayanne Rodrigues, e esse é o último episódio do podcast As Histórias Não Contadas do Cococi. Agora você vai ouvir e entender como a fé é o principal fio que sustenta a memória dos devotos da padroeira do Cococi.

[[PRECE](#) - 00'10'' a 00'34'']

"Seu amante coração, cantemos, cantemos todos com amor e fervor louvores à padroeira da nossa terra querida"

No primeiro dia de festa, os fiéis se dividem em dois pontos para a procissão. As mulheres se deslocam da igreja do Cococi carregando a figura de São José e os homens saem da fazenda Canaã, que fica a três quilômetros do Cococi, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

[[SONORA SAÍDA](#) - 00'40'' a 00'52'']

A multidão se encontra na metade do caminho, onde acontece um murmúrio coletivo de oração.

[[SONORA ORAÇÃO](#) - 19'09'' a 19'37'']

Os devotos seguem o percurso rumo à capela do Cococi. Na linha de frente da caminhada, a imagem de Nossa Senhora Imaculada da Conceição, com aproximadamente um metro de altura, é carregada por um vaqueiro a cavalo, o mesmo se repete com São José, mas com uma mulher levando a imagem do santo. A pé, mulheres, homens, crianças e idosos andam por três quilômetros.

O cortejo é registrado pelos smartphones dos fiéis numa tentativa de eternizar aquele momento e compartilhar com os que não puderam estar presentes. Mais ou menos 3 mil pessoas participam da procissão.

[[SONORA SOCORRO](#) - 01'40'' a 01'50'']

"Ei, Natércio, nós estamos fazendo o percurso que vai dar a volta no cemitério"

Movimentado por cantos e sem distinção de classe, a poeira vai se impregnando nos solados dos pés e o passo fica mais acelerado quando os devotos avistam a igreja, o destino final. O cansaço parece ser rapidamente recuperado pelo significado da procissão.

A emoção invade o íntimo daqueles corpos exauridos de fé. Às sete da noite, o sino toca. Começa a primeira missa da festa da Imaculada Conceição de 2021.

[[CHEGADA DA IMAGEM](#) - INÍCIO A 01'40'']

"Vamos acolher a nossa imagem que está chegando em procissão a imagem da Imaculada Conceição trazida pelos fiéis devotos que todos os anos estão aqui celebrando a nossa festa. Nesse ano a gente tem uma alegria toda especial, um sentimento diferente, um sentimento de gratidão porque na nossa história em nenhum ano a gente tinha deixado de realizar a nossa festa e em virtude da pandemia covid-19, 2020 não foi possível. Então nosso sentimento é de gratidão por nesse momento estar podendo encerrar a nossa festa realizada na noite novenário e agora a gente está celebrando com todos os fiéis que sempre estão aqui todos usando a nossa festa. A gente pede as pessoas que estão trazendo as imagem pra pra trazerem as imagem até os locais, colocarem elas aqui pra gente dar início a nossa santa missa. Viva, Imaculada Conceição. Viva! Viva, São José, seu esposo. Viva! Viva, Sagrada Família. Viva Jesus de Nazaré, viva!"

O lugar nada parece com o habitual. Durante os nove dias de festa, fica tomado por barraczinhas, carros,

motos, paus de arara e muita gente. Parece ser um misto de volta ao passado, nos tempos em que Cococi era cidade.

Mas não é exagero dizer que a manifestação religiosa só acontece por causa do esforço do povo e em especial, de um padre.

[[SONORA REJANE](#) - 07'54'' a 08'02'']

"E com a vinda do padre Márcio pro pro-Cococi que foi uma pessoa que ~~contribuiu assim~~ deu um ânimo muito grande pra..."

O ano era 2004.

[08'11'' a 08'25'']

"Porque antes dele vir, ~~existia só que era a a grande~~ concentração ~~das~~ das igrejas protestantes era bem maior e quando ele veio reavivou essa fé nas pessoas e as pessoas começaram a participar mais, né?"

Essa é Rejane. Se você escutou os outros episódios vai lembrar dela. Desde que ela se entende por gente, é envolvida com o catolicismo. A partir da primeira eucaristia já começou a ajudar na igreja do Cococi. Foi coroinha, animadora, preparava outras crianças. E hoje, é diretora da Comissão Organizadora da Novena

do Cococi. Festa que acontece todos os anos. Começa no dia 29 de novembro e vai até o dia 8 de dezembro.

[[SONORA REJANE](#) - 09'01'' a 09'12'']

"A gente deu essa ideia pra ele de fazer uma comissão organizadora da festa onde essas pessoas estariam engajadas não só no período da festa, mas também durante todo o ano"

Rejane e outras pessoas perceberam que ter uma comissão apenas durante a novena não bastava, era preciso mais. Eles transformaram a tradição religiosa em devoção popular nos 365 dias do ano. São 28 membros que pertencem a várias comunidades.

[[SONORA REJANE](#) - 10'22'' a 10'40'']

"Pessoas aqui do Mundo Novo que fazem parte do Mundo Novo, do Cococi, é, da Vista Bela, do Juá, da Barra do Urucu e de outras comunidades também tem pessoas que fazem parte da comissão..."

Durante o período de festa, a organização se distribui nas gincanas, nos bingos, nas quermesses, nas barraquinhas que vendem comidas e nos leilões. Um movimento de pessoas unidas pelo poder da fé.

[**SOBE TRILHA**]

[[SONORA REJANE](#) - 11'10'' a 11'16'']

"Foi o único lugar que se manteve de pé. No meio de tudo isso, né?"

Rejane está se referindo a igreja. Construída há mais de 300 anos. O ano da primeira reforma está registrado na fachada: é 1771.

De estilo barroco, a entrada do templo é simples, composta por três portas retangulares, no segundo pavimento duas janelas quadradas e um frontão triangular. Tudo de madeira. A estrutura do topo tem três cruces, uma centralizada e as outras duas nas laterais. Mas o amarelo, a cor original da igreja, foi perdida com o tempo.

[[SONORA REJANE](#) - 01'26'' a 01'31'']

"Aí foi tirado praticamente todo o reboco dela, porque o reboco era só... Tipo, terra"

Hoje, a capela veste um tom de amarelo opaco. Pela lateral da estrutura, através de uma escada de alvenaria, é possível ter acesso ao piso superior de madeira que fica no interior do edifício colonial. Pelas minhas contas, esse espaço tem capacidade para

umas dez pessoas. Por lá, você alcança as duas janelas da fachada e a torre do sino.

[[SOM DO SINO](#) - 00'29 a 00'38'']

Até o ano de 2015, o templo tinha piso de cimento e o teto não era forrado.

[[SONORA REJANE](#) - 24'05'' a 24'32'']

"Foi colocado cerâmica, foi trocado os banco dela tudinho, foi tirado todo o reboco dela, praticamente uma parte do reboco que tava todo caindo, foi tirado, foi colocado um reboco novo, foi feito instalação elétrica, foi colocado um forro, parte de de da telha dela foi trocada. As portas tudo foi, as portas não foram trocadas porque são portas antigas e muito boas, né."

O altar de talha tem uma escultura aparentemente do século XIX, que é um crucifixo. As imagens de santos parecem ser de gesso, com pequenos detalhes folheados a ouro. Estilo próprio do começo do século XX. As paredes do interior da capela seguem na cor branca.

Eu espero que você tenha conseguido imaginar o espaço, até porque, fica difícil comparar com outras igrejas aqui do Brasil. Em Cococi não há registros

das técnicas de construção e muito menos das reformas que ocorreram ao longo dos 300 anos de existência.

Por falar nisso, Rejane tem boa memória e isso foi importante pra encarar a desconfiança das pessoas que temiam essa última mudança.

[[SONORA REJANE](#) - 25'03'' a 25'29'']

"Uma grande preocupação que as pessoas tinham era de achar que a gente ia mexer na estrutura da igreja. Mas a gente não ia fazer isso porque a gente sabe que é ~~um~~~~um~~ uma estrutura histórica. Antiga.—A gente fez a reforma pra que ~~e~~ ela tivesse uma durabilidade maior, que as pessoas tivessem um maior conforto quando viesse pra igreja, né? Mas deixando a estrutura dela tal e qual era antigamente..."

A igreja do Cococi foi palco de cinco festas religiosas após a reforma. Até que em 2020, o mundo mudou. Assim como eu, você também deve ter sentido o impacto. No dia 29 de novembro de 2020, dia que marca os inícios do festejo da Imaculada Conceição, o cenário do Brasil era esse:

[[SONORA PANDEMIA](#) - 00'13'' a 00'21'']

"O Brasil ultrapassa 170 mil mortes pela covid-19, o número de infectados ultrapassa seis milhões de pessoas"

[[SONORA SOCORRO](#) - 01'08'' a 01'53'']

"Quem realmente é devoto de Nossa Senhora da Conceição se sente um pouco partida quando chegamos aqui na igreja. Pelo momento que a gente realiza a festa, que a gente faz chegar aqui uma hora dessa e você encontrar com cinco pessoas na igreja. Mas eu tenho fé em Nossa Senhora da Conceição que ela vai nos abençoar e proteger todo mundo. Pra quando for próximo ano a gente tá tudo junto aqui com ela celebrando e agradecendo as vitórias."

O lamento de Socorro representa o estatuto dos devotos de Nossa Senhora da Conceição em 2020. Rejane não tem dúvida da solidão enfrentada pelos fiéis.

[[SONORA REJANE](#) - 39'19'' a 39'43'']

"Na história do Cococi, com mais de trezentos anos de festa, de fé vivenciada nunca tinha acontecido isso, né? Então assim, de não ocorrer uma festa de padroeiro. Poderia ser até que acontecesse de tipo ser celebrado as novenas com pouquinha gente, mas que no dia oito tinha a festa, né?"

[[SONORA SOCORRO E CHICO](#) - 00'05'' até o fim]

"O que que você tem pra falar. O que que você tem pra falar pros devotos de Nossa Senhora da Conceição? Que hoje é o dia que realiza a festa e nós tamo na igreja aqui só, tamo só nós dois, porque como é que você se sente, como você é devoto. Que que você se sente uma hora dessa? Que que você tem que dizer como devoto de Nossa Senhora da Conceição? Eu peço a Nossa Senhora Imaculada da Conceição para no outro ano nós realizar a festa aqui. Tudo em paz e que dê tudo certo e que acabe com essa pandemia que tem no Brasil pra no outro ano nós comemorar aqui a festa tudo em paz. Amém!

Não precisa ser religioso para frequentar a festa do Cococi. Mas as preces de Socorro e de Chico eram muito mais do que religião, se tratava de uma devoção, uma tradição muito antiga que já faz parte do dia a dia dessa família. E as orações foram ouvidas.

[[SONORA COMERCIAL](#) - COMPLETO]

"Uma hora e três minutos, tenho um recado pra você, devoto! Começa hoje a festa da Imaculada Conceição, padroeira do Cococi. Neste ano, a novena firma o compromisso em estimular a harmonia entre as famílias, buscar a paz e angariar recursos para a

manutenção da igreja. Nos nove dias de festa, com missa sempre às sete da noite, vai ter bingo de um carneiro, gincana, rifa e o tradicional leilão. Em virtude da pandemia, a comissão organizadora orienta que os fiéis estejam com máscara e respeitem os protocolos sanitários. Não perca a manifestação religiosa mais tradicional do Sertão dos Inhamuns!”

É claro que Socorro documentou esse momento.

[[SONORA SOCORRO](#) - 00'42'' a 00'52'']

“Socorro! Tá filmando não, né, Socorro? Tô! Num acredito não..”

Sem lugar pra sentar pela quantidade de devotos na igreja, a realidade é bem diferente do que foi registrado em 2020. O silêncio do passado imposto pela pandemia agora dá espaço às rezas partilhadas, às conversas paralelas e ao reencontro.

Eu fui lá, e aproveitei o momento pra dar uma volta na vila do Cococi. Era noite e tudo estava iluminado. A sensação é de estar na gravação de um set de filmagem que se passa em uma cidade ficcional. As casas invadidas pelo mato ficavam até elegantes com aquela iluminação sombreada.

[[SONORA LOHANNY](#) - 02'44'' a 03'25'']

D.I: Ei, Jayanne...

D.F: Ainda não tá lotado não...

Esse é o clima da festa. Nas barracas, os devotos aguardavam pacientemente a missa. A chegada dos paus de araras e outros transportes era o indicativo que logo a celebração ia começar.

[[SONORA MISSA](#) - 07'35'' a 08'07'']

Em uma manifestação religiosa dessa magnitude tem muita gente pagando promessa a Nossa Senhora da Imaculada da Conceição.

[[SONORA FRANCIMARIA](#) - 00'34'' a 01'20'']

"E a promessa que eu tinha feito tinha sido por uma pessoa que eu gosto muito, que foi meu afilhado que sofreu um acidente e tava em coma no Juazeiro, mas graças a Deus, hoje tá bem. Eu vim pagar a promessa no intuito disso, da saúde dele. Graças a Deus deu tudo certo"

Essa é Francimaria, moradora da comunidade Várzea da Onça, que fica nos arredores da sede do Cococi. Por três dias consecutivos, ela assistiu à missa de pés descalços sob um formigueiro, do lado de fora da

igreja. As preces dedicadas à recuperação do afilhado foram alcançadas.

Outra pessoa que também narra as bênçãos divinas recebidas pela família é Antônio.

[[SONORA ANTÔNIO](#) - 01''12'' a 01'46'']

"Eu já fiz uma promessa pela minha irmã Alicia, ela ela teve um problema sério. Ela fez uma cirurgia na cabeça. E ela ~~come~~, corria risco de morrer. E aí, eu fiz essa promessa e graças a Deus ela está aí com saúde, se recuperou totalmente..."

Ele andou a pé da comunidade em que vive, Diamantina, até a igreja do Cococi. No total, percorreu vinte quilômetros.

[03'28'' a 03'54'']

"Vai aumentando a fé, a ~~a~~-esperança de Nossa Senhora possa colocar dias melhores em nossas vidas. Que Nossa Senhora nos abençoe sempre e ~~a gente tem muito a agradecer, né,~~ tem muito a agradecer a Nossa Senhora por tudo que ela faz por a gente..."

[SOBE TRILHA]

Na visão de Rejane, as próximas gerações vão ser as responsáveis por documentar a evolução dessa história.

[[SONORA REJANE](#) - 43'09'' a 43'15'']

"Todos eles estão preparados pra isso. A comissão deu isso pra eles, essa autonomia."

[42''26 a 42'33'']

"Você fica emocionada quando fala da festa? Sim..."

Mesmo que o passado do Cococi seja um atrativo para visitarem a vila, o que realmente estimula milhares de pessoas a contar novos fatos da história é a força da fé. Essa devoção popular sensibiliza até mesmo quem não tem qualquer relação com o lugar. Uma coisa é certa, a memória oral construída pelo povo continua.

[[SONORA CANTO DO VAQUEIRO](#) - 01'43'' a 02'27'']

D.I: Ficou a Nossa Senhora e o povo que tá aqui...

D.F: Aqui ficou os vaqueiros e os doutor fazendeiro dessa terra foram embora..."

**[VINHETA DE ENCERRAMENTO]**

As Histórias Não Contadas do Cococi termina aqui, mas você pode me encontrar nas redes sociais ou no e-mail: [podcastcococi@gmail.com](mailto:podcastcococi@gmail.com)

Se esse é o seu primeiro episódio, te aconselho a ouvir os outros dois na ordem, vai fazer mais sentido. O podcast está disponível no YouTube, Spotify, Deezer, Google podcasts, Amazon Music, castbox e apple podcasts.

Essa produção é resultado do trabalho de conclusão de curso da Universidade do Estado da Bahia, campus Juazeiro. Eu sou Jayanne Rodrigues. Fiz o roteiro e a produção desse podcast.

Só consegui ser a ponte dessas histórias, pela confiança entregue por todas as pessoas que deram voz a esse podcast.

A identidade visual é de Ana Luisa Leandro. Edição e mixagem de Pedro Miranda e orientação geral da professora Teresa Leonel.

E se você chegou até esse finalzinho, muito obrigada nos ouvir.

